

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA CONDIÇÃO DE TORCEDOR
DE FUTEBOL**

Daniel Vitor Gomes de Sousa

**VITÓRIA
2014**

DANIEL VITOR GOMES DE SOUSA

**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA CONDIÇÃO DE TORCEDOR DE
FUTEBOL**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito final para obtenção do título Mestre, no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro e coorientação do Prof. Dr. Alexsandro Luiz de Andrade

UFES
Vitória, Setembro de 2014

Dedico este trabalho aqueles que, mais que minhas maiores influências futebolísticas e esportivas, são meus maiores e eternos ídolos: Meu pai José Emídio de Sousa e meu irmão Rafael Eduardo de Sousa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus pela grande força nas horas mais difíceis e por ter provado para mim que *quando eu sou fraco, é que sou forte*.

Agradeço imensamente a minha família pelo apoio, carinho e compreensão mesmo à distância. À meus pais, José Emídio e Adelize, meus irmãos Rafael e Letícia e meus avós Miguel Terezinha. Vocês são meu alicerce, amo vocês!

Agradeço a todos meus amigos de Governador Valadares – MG e Belo Horizonte que provaram que força da amizade vence toda a distância física.

Agradeço minha “orientadora”, mentora e amiga Luizane, que foi o suporte nas discussões acadêmicas, no trabalho e nos conflitos dessa caminhada.

Agradeço a meus “irmãos” capixabas de coração Ana Paula, Patrícia e Romário. Vocês foram fundamentais nessa caminhada. Amo vocês!

Aos amigos do meu coração do Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) do CREAS – Bento Ferreira: Simone, Gisele, Priscila, Érica, Regiane e Carlos. Vocês representam o que há de mais puro na amizade!

Agradeço a meus orientadores Paulo Rogério Meira Menandro e Alexsandro Luiz de Andrade pela paciência, compreensão e auxílio com o conhecimento que tanto busquei nessa caminhada. A competência deles me trouxe até aqui.

Agradeço aos membros da minha banca de dissertação pelas considerações acerca do meu trabalho e a todos os participantes deste estudo.

Muito Obrigado!

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
2. OBJETIVOS.....	15
2.1. Geral.....	15
2.2. ESPECÍFICOS.....	16
3. ASPECTOS HISTÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	16
3.1. PSICOLOGIA DO ESPORTE: HISTÓRIA E FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	16
3.2. PSICOLOGIA DO ESPORTE E ÁREAS DE ATUAÇÃO.....	20
3.2.1. Esporte de Alto Rendimento.....	20
3.2.2. Dimensões Psicossociais do Esporte.....	26
3.2.3. Esporte e Inclusão Social.....	32
3.3. PSICOLOGIA DO ESPORTE E TORCIDAS DE FUTEBOL.....	35
3.3.1. Estudos sobre Violência entre Torcidas de Futebol.....	36
3.4. PSICOLOGIA DO ESPORTE E INSTRUMENTOS PSICOMÉTRICOS.....	41
3.4.1. Estudos em Psicologia do Esporte com Validação de Instrumentos Psicométricos.....	41
4. MÉTODO.....	48
4.1. PARTICIPANTES.....	48
4.2. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS.....	50
4.3. ASPECTOS ÉTICOS DO ESTUDO.....	51
4.4. ANÁLISE DE DADOS.....	52
5. RESULTADOS.....	52
5.1. VALIDAÇÃO DA ESCALA.....	52
5.2. COMPARAÇÃO ENTRE HOMENS E MULHERES EM RELAÇÃO AOS FATORES DA ESCALA.....	57
5.3. OUTROS ITENS DOS RESULTADOS.....	58
6. DISCUSSÃO.....	63
ANEXO 1: CARTA DE APRESENTAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO	81
ANEXO 2: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	83
ANEXO 3: ESCALA DE COMPOSIÇÃO DA CONDIÇÃO DE TORCEDOR DE FUTEBOL.....	85
REFERÊNCIAS.....	91

RESUMO

SOUSA, D.V.G. (2014). Aspectos Psicossociais da Condição de Torcedor de Futebol. 98f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós Graduação em Psicologia. Vitória-ES.

Palavras-Chaves: Psicologia do Esporte, Avaliação Psicológica, Torcedor de Futebol.

Torcer por um time de futebol é prática conhecida em muitos países. No Brasil constitui fenômeno importante por seu impacto cultural, comercial, e por ser elemento de presença frequente nas relações interpessoais em diversos contextos. Além disso, o futebol, em seus vários aspectos, é assunto privilegiado nos meios de comunicação de massa. Curiosamente, são poucos os estudos disponíveis sobre torcedores e, em sua maior parte, referem-se ao fenômeno da violência por ocasião dos jogos, que está associado a grupos específicos de torcedores. O estudo buscou identificar aspectos que são reconhecidos por torcedores como influências para que tenham se tornado torcedores e para que continuem a agir como tal. Participaram 395 indivíduos, 266 homens (67,3%) e 129 mulheres (32,7%), com idade média de 28,4 anos (DP = 7,81), todos acima dos 18 anos. Predominaram participantes residentes na região sudeste do país (368 – 93,2%), em sua maior parte torcedores de times de Minas Gerais (Cruzeiro - 29,4% e Atlético - 26,6%). Foram coletados dados sociodemográficos, informações sobre o time preferido, e foi elaborado um instrumento para aferir aspectos reconhecidos pelos participantes como relevantes para a sua prática de torcedor de futebol. Do instrumento original constaram 72 itens a serem respondidos no padrão Likert de 5 pontos (1 – Não me caracteriza; 5 – Caracteriza-me totalmente) que contemplavam três categorias temáticas amplas: família, meios de comunicação, e outros contextos sociais. O instrumento e o questionário sociodemográfico foram disponibilizados em sítios da internet relacionados ao universo de torcedores de futebol. Os dados foram organizados e analisados usando-se o SPSS - versão 18.0. Foi feita análise fatorial do componentes principais para verificar adequação dos dados e o levantamento dos indicadores de validade fatorial da medida. O índice de precisão dos quatro fatores foi de 0,72, atestando a confiabilidade estatística da Condição de Torcedor de Futebol e a consistência interna da medida na versão com 33 itens. Os fatores Dimensão de Interação Indireta (DII), Dimensão de Interação Direta (DID), Dimensão Mídia Pró-Time (DMPro) e Dimensão Mídia Contra-Time (DMCon), que apresentaram valores de Alfa de Cronbach de, respectivamente, 0,79, 0,89, 0,71 e 0,85, todos considerados satisfatórios. A composição de cada fator e as diferenças entre eles são objeto de discussão, assim como as diferenças nas respostas de homens e mulheres. Os resultados mostram a validade e a sensibilidade da medida de composição da condição de torcedor de futebol desenvolvida.

ABSTRACT

SOUSA, D.V.G. (2014). Psychosocial Aspects of the Condition of Football Fans. 98f. Master's degree dissertation. Federal University of Espírito Santo, Graduate Program in Psychology. Vitória-ES.

Key Words: Sport Psychology, Psychological Assessment, Football Fan.

Cheering for a football team is well known practice in many countries. In Brazil is an important phenomenon for their cultural impact, commercial, and for being part of a frequent presence on interpersonal relations in various contexts. Also, football, in various aspects, is privileged subject in media. Curiously, very few studies are available about the fans and for the most part, refer to the phenomenon of violence during the games, which is associated with specific groups of fans. The study sought to identify aspects that are recognized by fans as influences that have become fans and to continue to act as such. 395 patients, 266 men (67.3%) and 129 women (32.7%) with mean age of 28.4 years (SD = 7.81), all over 18 years old. Predominated participants living in the southeast region of the country (from 368 to 93.2%), mostly supporters of teams of Minas Gerais (Cruzeiro - Atlético and 29.4% - 26.6%). Demographic data were collected, information on the preferred team were collected, and an instrument was developed to measure aspects recognized by participants as relevant to their practice football fan. Original instrument consisted of 72 items to be answered on the standard 5-point Likert (1 - Does not characterize me; 5 - I fully characterized) which looked at three broad thematic categories: family, media, and other social contexts. The instrument and the sociodemographic questionnaire were made available on Internet sites related to the universe of football fans. Data were organized and analyzed it using SPSS - version 18.0. Factorial analysis of principal components was performed to verify the adequacy of the data and survey indicators of factorial validity of the measure. The accuracy rate of the four factors was 0.72, confirming the statistical reliability of Condition Fan Football and the internal consistency of the measure in the version with 33 items. The Dimension of Indirect Interaction (DII), Dimension Direct Interaction (DID), Dimension Media Pro Time (DMPPro) and Dimension Media Counter-Time (DMCon) factors, with values of Cronbach's Alpha, respectively, 0.79, 0.89, 0.71 and 0.85, all considered satisfactory. The composition of each factor and the differences between them are the subject of discussion, as well as differences in the responses of men and women. The results show the validity and sensitivity of the measured composition of the condition of football fan developed.

1. APRESENTAÇÃO

Processos psicossociais, em especial a formação de grupos, são alvo de grande interesse entre os cientistas sociais. Quaisquer que sejam seus segmentos sociais de inserção, os indivíduos estão envolvidos em processos grupais. Muitos destes processos não são objeto de percepção e reflexão detalhada do próprio indivíduo, pois são constituintes de sua interação cotidiana com o meio social. Fatores sociais, culturais, econômicos geram elementos que entram na composição das características definidoras do grupo, ou seja, que têm participação na construção do processo identitário a partir do qual indivíduos se movimentam entre os grupos, exploram possibilidades, e definem seus interesses de filiação.

No âmbito da Psicologia Social algumas proposições teóricas foram desenvolvidas com o objetivo de contribuir para a compreensão do processo de formação dos grupos, o que envolve o conhecimento de aspectos que propiciam ou justificam a filiação do indivíduo a um grupo e sua permanência nele. Este campo de pesquisa em Psicologia Social conta com ampla variedade de pesquisa no contexto social brasileiro, no qual é bastante diversificada a formação de grupos. Um dos processos de formação grupal com reflexos culturais marcantes no contexto brasileiro é o da formação de torcidas de futebol – esporte no qual o país tem enorme destaque internacional. É muito difundido e reconhecido como uma espécie de segundo nome o termo “país do futebol” para designar o Brasil, onde homens, mulheres e crianças, na sua maioria, se tornam torcedores de times de futebol (Costa, 1994). Um aspecto de oportunidade que deve ser destacado refere-se ao momento vivido pelo país em 2014, ano em que

sediou o maior evento de futebol mundial, a Copa do Mundo, o que fortalece ainda mais o envolvimento do povo brasileiro com essa modalidade esportiva já tão valorizada.

1.1. Problema de Pesquisa

O foco central da investigação desenvolvida incide sobre esse tema: que aspectos, em sua história, torcedores de futebol são capazes de identificar como relevantes para o fato de terem chegado a essa condição de torcedores e permanecerem torcedores por toda a vida? O presente estudo envolve aspecto diretamente vinculado ao universo futebolístico e busca conhecer elementos que podem contribuir para a compreensão da adesão a uma prática cultural valorizada e com grande repercussão nos meios de comunicação no país, prática essa que pode ser descrita como torcer por algum time de futebol, conversar sobre futebol, buscar conhecimento atualizado sobre o time e seus integrantes, exibir diferentes modalidades de identificação com algum time, e assistir jogos de futebol ou ver/ouvir sua transmissão.

Justificar o interesse social de um tema como o futebol parece desnecessário na realidade brasileira (e tal argumento pode ser extrapolado para muitos outros países), mas ainda assim é importante destacar alguns aspectos de interesse psicossocial de tal atividade esportiva, de forma a ressaltar o enorme impacto cultural, comercial e político do tema. Os meios de comunicação, representados pelos jornais, revistas, internet, televisão e rádio, dedicam grande parte de seus espaços ao tema, e os anunciantes usam com frequência os espaços publicitários associados com o futebol. Nos jornais diários nota-se que notícias sobre futebol são destaques de capa principalmente nos

dias dos jogos importantes ou após a realização destes. Um exemplo próximo está no fato do jornal de maior tiragem do Espírito Santo que, mesmo considerando que o futebol profissional é precário no estado, participando apenas de competições nacionais de divisões inferiores, publica na edição de segunda-feira um tablóide de vinte e quatro páginas sobre esporte, no qual nunca menos de 80% dos espaços são dedicados ao futebol, principalmente ao futebol carioca.

Revistas de temáticas gerais veiculam anúncios com jogadores de futebol como garotos-propaganda ou até mesmo matérias completas sobre jogadores. Um exemplo recente foi a matéria realizada pela revista “Times”, uma importante revista norte-americana de circulação mundial, com o jogador brasileiro Neymar, que atuava no time do Santos e, atualmente, é jogador do Barcelona. Destacam-se também as revistas com conteúdo total ou parcialmente voltado para o futebol, como Placar, Revista ESPN, Lance, no cenário nacional, e France Football e World Soccer no cenário internacional. Na internet também se observa a dedicação de sites de notícias ao tema, como o site globo.com, no qual a maioria das notícias esportivas são dedicadas ao futebol e as notícias relacionadas aos principais jogadores da atualidade.

Na televisão até mesmo a forma contemporânea de canais por assinatura criou um espaço exclusivo para o futebol. Canais esportivos foram criados (Sportv, ESPN Brasil, ESPN Internacional, Fox Esportes) com programação contendo esportes diversos, mas com grande espaço para apresentação de partidas de futebol e noticiário futebolístico. Uma das novidades é representada pelos canais exclusivos de jogos de futebol, que podem ser assistidos apenas por assinantes que pagam valores expressivos, como o Premier Futebol Clube

(PFC), nos quais as partidas dos campeonatos disputados pelos seus times podem ser acompanhadas.

O rádio, que é o mais antigo meio de comunicação de apresentação do futebol, permanece no ar com os tradicionais programas esportivos e as transmissões de partidas. É importante registrar que os jogadores de futebol transformaram-se em produto com alto valor de mercado, o que gerou, com o passar do tempo relações ambíguas entre esses atletas e os órgãos de comunicação, que muitas vezes têm interesse financeiro decorrente de investimento direto nos direitos de imagem deles, assim como também existem relações de interesse comercial nem sempre transparentes com jornalistas, que acumulam as funções de jornalista esportivo e empresário de atletas.

O destaque conferido ao futebol pelos meios de comunicação é parte essencial do processo publicitário, ancorado na cultura e na economia, que resulta no grande interesse da torcida por itens comerciais associados ao clube. Torcedores podem dedicar boa parte de suas finanças para a compra de itens relacionados ao time para o qual torcem, tais como uniformes oficiais, camisas de treino, camisas com a marca dos patrocinadores dos times, outros itens de vestuário, objetos escolares e de papelaria, utensílios como garrafas, canecas, copos, porta-retratos, chaveiros e mascotes do time, todos personalizados com o escudo e símbolos que fazem referência ao time de futebol. Uma evidência de que o comércio é afetado e movimentado por estes torcedores é o aumento do número de lojas em *shopping centers* e no mercado em geral com vendas exclusivas desses produtos. Quanto ao lazer, observa-se a dedicação dos indivíduos por meio de comportamentos como ir ao estádio ou dedicar tempo para acompanhar os jogos do time em casa ou em locais como bares, casas de

amigos e festas; assinar canal televisivo de exibição de jogos. Vale salientar que em todos esses casos fica reafirmada a disposição econômica de fazer gastos com o futebol.

Os times sobrevivem das receitas originárias de várias fontes sendo as principais delas aquelas provenientes da venda dos produtos licenciados (há casos de clubes com mais de uma centena de produtos licenciados, inclusive produtos alimentares), das transações de jogadores, da venda dos direitos de transmissão dos jogos, dos ingressos para os jogos, do aluguel de espaços físicos nas sedes dos clubes e nos estádios para vários tipos de eventos, inclusive esportivos, para encontros profissionais, escolares e religiosos e para espetáculos artísticos. Atualmente existem clubes que estão investindo em programas denominados “Sócio Torcedor”, em que o indivíduo por meio de pagamento mensal de uma mensalidade adquire um determinado número de ingressos para acompanhar as partidas de seu time no estádio. No Brasil destaca-se o clube Internacional, do Rio Grande do Sul, com mais de oitenta mil sócios-torcedores.

Uma evidência adicional da importância cultural da condição de torcedor pode ser obtida no noticiário comum sobre fatos diversos do cotidiano. O exemplo destacado aqui se refere a acontecimento recente, que causou grande comoção social, no âmbito do qual a condição de torcedor foi mencionada pelos meios de comunicação, mesmo não tendo o ocorrido qualquer relação com futebol, e mesmo estando em completa oposição ao clima de festa e alegria ao qual o futebol está associado na maior parte das vezes. Trata-se da tragédia ocorrida em uma casa noturna na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que resultou na morte de mais de duas centenas de jovens. A descrição do perfil

das vítimas veiculado pelo site globo.com destacava, entre outros aspectos, o time para o qual torciam, indicando o reconhecimento do interesse social de tal informação. Uma das vítimas foi sepultada em outra cidade e o noticiário mostrou a bandeira de um time de futebol sobre o caixão. Esse exemplo recente foi salientado porque corresponde a muitos outros acontecimentos similares envolvendo falecidos cujo prestígio público faz com que o funeral seja acompanhado pela imprensa. Em tais ocasiões é frequente, em nosso país, a presença de bandeiras de clubes de futebol junto ao caixão, e até mesmo a entoação de hinos de clubes, mesmo que a atividade profissional da pessoa que está sendo homenageada tenha sido artista ou político, e não um esportista.

Como já foi mencionado, a preocupação com o fenômeno das manifestações das torcidas de times de futebol, assim como de sua organização, vem ganhando espaço na pesquisa social, impulsionada pelas ocorrências de manifestações de violência e seu impacto social. No entanto, observa-se escassez de estudos e pesquisas sobre fatores que influenciam a construção e a manutenção da condição de torcedor de time de futebol.

O projeto do presente estudo exploratório apoiou-se na coleta de dados decorrentes de respostas a uma escala disponibilizada em sítios específicos da internet com o objetivo de fazer um levantamento de aspectos da vida social que os respondentes admitem que influenciaram e influenciam suas reações afetivas próprias da condição de torcedor, o que permitiria identificar, descrever, comparar entre si e interpretar características desses aspectos admitidos como influenciadores.

Pretendeu-se que tal pesquisa sobre aspectos e motivos implicados na formação da condição de torcedor de um time de futebol e na reafirmação da

condição de torcedor ao longo da vida do indivíduo possibilitasse ampliar o conhecimento sobre o papel de tal fenômeno no processo de construção da condição de torcedor de futebol. Para a Psicologia Social tal contribuição se apresenta como uma nova vertente de exploração do processo de formação grupal nas condições próprias da cultura brasileira. Para a Psicologia do Esporte representa uma vertente de estudo quase inexplorada em meio ao contexto de pesquisas na área, ampliando o campo de estudos naquela que pode ser considerada uma especialidade emergente. Os dados também dizem respeito à discussão sobre elementos da relação de consumo entre torcedor e o produto futebol.

2. Objetivos

2.1. Geral

- Identificar e categorizar aspectos da vida social que contribuíram para a composição da condição de torcedor de futebol;

2.2. Específicos

- Construir uma medida psicométrica com sensibilidade para aferir aspectos da vida social que representem influências em relação à condição de torcedor de futebol;

- Comparar diferentes categorias de aspectos influenciadores da condição de torcedor com vistas a conhecer eventuais variações no peso da contribuição de cada uma delas;
- Comparar respostas de torcedores e torcedoras e interpretar diferenças que vierem a ser constatadas.

3. Aspectos Históricos e Metodológicos

3.1. Psicologia do Esporte: História e Fundamentos Teóricos

Rubio (2000) destaca que o esporte, como fenômeno social, tornou-se um dos principais objetos de estudo da atualidade, agregando áreas em torno das denominadas ciências do esporte. Uma dessas áreas é a Psicologia do Esporte, que pode ser definida como a ciência que se ocupa do estudo dos indivíduos no contexto do esporte e do exercício, elaborando programas de treinamento psicológico para alcance de melhor desempenho e melhores condições de enfrentamento de estresse em competições, além de atuar com questões referentes à prática de atividade física em tempo livre, iniciação esportiva fora de competições, reabilitação de pessoas enfermas e portadores de necessidades especiais (Weinberg e Gould, 1995).

A Psicologia do Esporte congrega em seu núcleo estudos sobre diversas vertentes de temas em que estão em jogo comportamentos que constituem atividades esportivas ou que estão vinculados a elas como exigências preparatórias em contextos de aprendizagem, de treinamento, de interação grupal, de liderança, de competitividade, de motivação, de ansiedade, de

profissionalização, de repercussão social e de construção de imagem. A partir desse núcleo a Psicologia do Esporte pode estabelecer articulações com muitos outros setores de conhecimento, como os da saúde, da educação, da inclusão social, da segurança, da administração financeira e de pessoal, da comunicação social, e com todas as áreas de conhecimento com afinidade com o amplo conjunto de processos sociais, culturais e psicossociais que interessam em especial à sociologia, à antropologia e à psicologia (Rubio, 1999).

Hernandez (2011) identifica o início da Psicologia aplicada ao esporte, nos EUA e na antiga União Soviética (URSS), no final do século XIX e no início do século XX, como atividade restrita às pesquisas realizadas no meio acadêmico, com pouco registro de atuação prática, com seu desenvolvimento relacionado ao contexto de surgimento das bases da Psicologia Organizacional. Carvalho (2009) menciona o momento histórico de valorização do corpo como principal meio de produção da força de trabalho, abrindo campo para a fundamentação de uma ciência ligada ao controle do corpo como a Educação Física e, posteriormente, a Psicologia do Esporte.

No Brasil, Rubio (2007) destaca como marco inicial da especialidade Psicologia do Esporte a atuação do Psicólogo João Carvalhaes no São Paulo Futebol Clube, por 20 anos, e na Seleção Brasileira de Futebol que conquistou a Copa do Mundo de Futebol de 1958. O âmbito de atuação inicial de Carvalhaes situava-se na emergente Psicologia Organizacional da época, tendo ele trabalhado, principalmente, com seleção de pessoas e aplicação de testes psicológicos. Sua experiência esportiva como comentarista esportivo da época e com estudos sobre as competências necessárias para atuação como árbitro de futebol da Federação Paulista de Futebol foi determinante para o convite para

atuar como Psicólogo do São Paulo Futebol Clube. A atuação no clube foi caracterizada pela avaliação psicológica. O sucesso no clube o levou à seleção brasileira de futebol às vésperas da Copa de 1958, após dois fracassos nos campeonatos mundiais: na Copa do Mundo de 1950, com a derrota surpreendente e marcante no Maracanã em jogo contra a seleção uruguaia, e em 1954 na Hungria, com desempenho apenas mediano (Hernandez, 2011). A atuação de Carvalhaes resultou em impacto profissional concreto, como a atribuição de atividades psicológicas realizadas na área esportiva somente ao Psicólogo, além de impacto acadêmico, como aquele expressado pelo incremento da criação e da sistematização de grande número de testes psicológicos (Rubio, 2007).

A dicotomia da Psicologia do Esporte como atuação aplicada e disciplina acadêmico científica marcou a história da especialidade, desde seu surgimento até os dias atuais. Vieira, Vissoci, Oliveira e Vieira (2010) afirmam que a Psicologia do Esporte abrange áreas do conhecimento da Psicologia, Ciência do Esporte e Esporte e, como disciplina acadêmico-científica, a Psicologia do Esporte tem como objetivo o desenvolvimento de teorias e modelos buscando explicação para comportamentos ligados ao esporte. A atuação aplicada se fundamenta no acompanhamento e do desempenho dos atletas e na busca por melhor desempenho, através de aconselhamento durante as diversas etapas de preparação para competições, principalmente em situações de estresse e exigências de alto desempenho. Em relação à faceta de aplicação percebe-se que é privilegiada a preocupação da Psicologia do Esporte com o desenvolvimento de técnicas voltadas para atletas que disputam competições esportivas de alto desempenho.

De início a prática da Psicologia do Esporte foi amplamente dominada por educadores físicos, porém o desenvolvimento da área como atividade interdisciplinar inseriu os profissionais ligados à psicologia e cientistas do esporte. Esta ampliação também alargou o objeto de estudo da área, que era dominado por estudos ligados ao desempenho esportivo (Raalte e Brewer, 2011). Vieira, Nascimento e Vieira (2013) destacam o potencial de crescimento da Psicologia do Esporte a partir do reconhecimento e regulamentação dessa especialidade pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que ocorreu em 20 de dezembro de 2000. Este reconhecimento ocorreu em meio às discussões do Conselho Federal sobre a expansão das diferentes áreas de inserção da Psicologia e a formalização de campos de atuação até então não reconhecidos (Brandão, 1995).

Atualmente, diante da expansão da Psicologia do Esporte como ciência e prática, novos interesses de estudo têm surgido na área. Além dos tradicionais estudos sobre a prática de alto rendimento, estudos vinculados à melhoria da qualidade de vida da população em geral e à prática de atividades esportivas têm crescido em grande escala (Epiphanyo, 1999). O número de trabalhos publicados nos últimos Congressos Brasileiros de Psicologia do Esporte também aumentou (2010 = 79; 2012 = 150), com ênfase em estudos ligados à motivação para o esporte e exercício e à intervenção psicológica no esporte. Além desses temas, aspectos como a interdisciplinaridade, variáveis psicológicas e fisiológicas, além da crescente preocupação com a participação de crianças no contexto esportivo também têm caracterizado novos estudos.

No entanto, contrastando com o número de pesquisas com a temática relacionada à Psicologia do Esporte, o número de pesquisadores dedicados à

área da Psicologia do Esporte ainda é restrito, como indica o número baixo de teses em programas de Pós Graduação em Psicologia no Brasil. A maioria das publicações em Psicologia do Esporte estão disponíveis em periódicos da Educação Física, evidenciando que a atuação e prática da Psicologia do Esporte não constituem exclusividade do Psicólogo, pois a formação de profissionais desta área ainda está em consolidação (Vieira, Nascimento e Vieira, 2013).

Além destas dificuldades identificadas para a consolidação da Psicologia do Esporte destaca-se também a necessidade de delimitação das diretrizes desde a formação acadêmica à especialização nesta área. Esta dificuldade tem provocado a ocupação do espaço de intervenção na área por profissionais sem a formação específica de Psicologia (Brandão, 1995).

3.2. Psicologia do Esporte e Áreas de Atuação

Raalte e Brewer (2011) apresentam algumas áreas de atuação e de estudos da Psicologia do Esporte. Segundo estes autores o Psicólogo do Esporte pode trabalhar com atletas e treinadores envolvidos em competições esportivas de alto rendimento, com a população em geral e as influências do esporte sobre ela e com a promoção de bem estar e inclusão social. Neste trabalho serão abordadas as seguintes áreas e estudos relacionados: Esporte de Alto Rendimento, Dimensões Psicossociais do Esporte e Inclusão Social e Esporte.

3.2.1. Esporte de Alto Rendimento

Alguns exemplos de pesquisas sobre rendimento e desempenho de atletas podem ser mencionados, como ilustração, para melhor caracterização dessa preocupação presente nas áreas de estudo que lidam com o esporte.

Moraes e Knijnik (2009) desenvolveram estudo sobre a preparação psicológica para competições entre atletas tenistas na categoria juvenil (10 a 16 anos) em que se destaca a investigação da importância que é atribuída à Psicologia do Esporte em relação ao enfrentamento de competições nas quais se evidencia desgaste físico e psicológico. O estudo buscou identificar a percepção dos jogadores acerca da importância do técnico na “preparação mental”, ou seja, na preparação psicológica dos atletas para lidar com a situação de competição, a partir de entrevistas realizadas com os atletas. Os pesquisadores identificaram que os jovens tenistas pesquisados atribuíam grande importância à parte psicológica e à “preparação mental” para que tivessem sucesso nos treinos e nos jogos, mas destacaram que pouco tempo é dedicado a esta preparação, sendo o treinador visto como o responsável por esta preparação psicológica dos atletas.

Lima, Machado, Bagni, Beretta, e Barbosa (2012) realizaram estudo para investigar qual a percepção de atletas de futebol de salão acerca da torcida presente no momento das partidas e quais seriam as interferências desta percepção sobre o desempenho destes atletas em quadra. Para coleta de dados foi utilizado questionário aplicados a atletas de futebol de salão com idades entre 18 e 26 anos. Através da categorização dos relatos e posterior análise da frequência com que apareciam as categorias estabelecidas foi feita a análise dos dados. Os resultados mostraram que a maior parte dos entrevistados considerou que tanto a torcida a favor quanto a torcida contra podem interferir positivamente

no desempenho dos atletas. No primeiro caso isso era possível ser identificado através do aumento da motivação decorrente das reações de apoio e de satisfação da torcida a favor. No segundo caso em decorrência da motivação perceber a frustração da torcida hostil. O estudo assinalou, porém, que tais reações dos atletas não eram automáticas ou absolutas, mas sim condicionadas a diversos fatores, como formas de manifestação da torcida, contexto (momento do torneio, localização do espaço no qual se joga, volume de torcedores apoiadores e hostis), além do papel desempenhado pelas diferenças individuais entre atletas.

Pode ser mencionado também um campo mais tradicional da Psicologia do Esporte, cujo interesse está centrado na relação entre características do esportista e do grupo que integra e o processo de competição implicado na atividade. Podem ser incluídos aí os estudos sobre aspectos grupais como motivação, liderança e coesão; estudos sobre traços de personalidade de jogadores e estudos sobre enfrentamento de dor, ansiedade e estresse pelos atletas.

Gomes, Pereira e Pinheiro (2008) conduziram estudo sobre liderança, coesão e satisfação entre jogadores de futebol e de futsal em equipes portuguesas. O objetivo deste trabalho foi identificar quais aspectos de liderança os treinadores desses times possuíam no comando de suas equipes e verificar a relação das variáveis coesão e satisfação dos atletas treinados por estes líderes. Participaram do estudo 200 jogadores de futebol e futsal, sendo 170 homens e 30 mulheres, com idade entre 11 e 36 anos. Para realizar a pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário demográfico, Escala Multidimensional de Liderança no Desporto (EMLD) contendo 28 itens com 6

subescalas, Questionário de Coesão em Equipes Desportivas (QCED) adaptado para atletas portugueses, composto de 18 itens distribuídos em 4 dimensões e a Escala de Satisfação (ES) contendo 15 itens e 3 subescalas. O resultado evidenciou preferências variadas dos jogadores por diversos comportamentos dos treinadores, indicando a necessidade dos técnicos ajustarem seus comportamentos levando em conta a idade e o tipo de atleta. A eficácia como líder seria obtida através da combinação do que o treinador é como pessoa (objetivos pessoais, profissionais e disponibilidade), do tipo de atleta que ele orienta (gênero, idade, aspectos individuais) e do contexto no qual exerce sua liderança (modalidade coletiva ou individual e competitividade).

Geisler e Leith (2007) desenvolveram estudo sobre estado motivacional em jogadores de futebol universitário no Canadá, na Alemanha e no Japão. Participaram da pesquisa 179 jogadores do sexo masculino, 60 no Canadá, 59 na Alemanha e 60 no Japão. O estudo foi baseado na Teoria dos Reversos e para a coleta de dados os participantes foram submetidos à aplicação do *State of Mind Indicator for Athletes* (SOMIFA), o Indicador de Estado Mental para Atletas, que é um instrumento para identificar os estados motivacionais de atletas durante a prática esportiva e qual estado motivacional se destaca mais ou é dominante no time. Os participantes também responderam duas perguntas: “O que significa ser um jogador de futebol na sua universidade” e “Enumere ou descreva quaisquer que sejam seus pensamentos e sentimentos que você tem sobre jogar futebol por seu time universitário”. A Teoria dos Reversos trabalha com o conceito de estados metamotivacionais, que representam o modo como o indivíduo interpreta sua própria condição em termos de ativação e de motivação,

entendendo que tal estado determinará a natureza da experiência emocional vivida e da orientação motivacional que se seguirá.

Segundo a mencionada perspectiva teórica os estados metamotivacionais, que após os esclarecimentos feitos acima passarão a ser chamados de estados motivacionais, são quatro, cada um deles caracterizado por oscilação entre dois pólos, o que permite falar em quatro pares de estados motivacionais. Os primeiros dois pares são funções da ativação percebida e são nomeados téllico - paratéllico (focado em objetivo, contexto de seriedade - orientado para sensação, contexto de diversão) e negatividade - conformidade (quebrar regras, agir com rebeldia - cumprir regras, ser cordato). Os outros dois pares referem-se à intenção relativa ao que deve resultar das interações com as pessoas. Um deles é chamado de maestria - simpatia (desejo de competir, de controlar – desejo de cooperar, de estar em harmonia), e o outro par é descrito como áutico - alóico (ganhar sempre, individualismo, egoísmo – preocupação com o outro, altruísmo). Apenas uma polaridade de cada par pode ser experimentada em um mesmo momento, mas os pares mais relevantes em cada momento variam em função de situações e contextos. O perfil motivacional que resulta em dada situação tem papel significativo na definição de como o indivíduo lida com e responde a qualquer evento ou situação em sua vida (o que inclui competições esportivas).

Os resultados obtidos mostraram que aspectos culturais estão associados a determinadas características motivacionais, mas ainda assim foi identificada prevalência dos estados motivacionais “maestria”, ligados aos pares competitivo e controle sobre outros, e “conformidade”, que corresponde a tendência a estar de acordo com as regras durante o jogo, para todos os participantes. Quanto às particularidades específicas relacionadas à cultura dos jogadores, sugestivas de

que aspectos culturais têm influência sobre os estados motivacionais, pode ser mencionado o fato de ser muito significativo o foco no objetivo entre os jogadores japoneses, além de estarem sempre mais próximos dos polos simpático e alóico em comparação com canadenses e alemães.

Como exemplo de estudo em Psicologia do Esporte e Ciência do Esporte que lidou com características psicológicas de jogadores, cita-se aqui o estudo de Bidutte, Azzi, Raposo e Almeida (2005), no qual se buscou identificar e analisar diferentes modalidades de comportamento agressivo em jogadores de futebol de equipes portuguesas da 1ª e 2ª divisão do Campeonato Português de Futebol, em duas faixas etárias, denominadas sênior (20 a 35 anos) e junior (17 a 19 anos). Para coleta de dados foi utilizado o Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI), que avalia o tipo de agressão praticada pelos jogadores (hostil, instrumental ou atlética geral) e um questionário contendo informações gerais e número de cartões recebidos pelos jogadores. O estudo comparou os dados obtidos nos dois grupos pesquisados e identificou maior grau de agressividade hostil (na qual se verifica a intenção de lesar o adversário) no nível sênior.

Outro exemplo é o estudo que Mahl e Raposo (2007) desenvolveram com jogadores profissionais de futebol brasileiros com o objetivo de avaliar o perfil psicológico desses atletas. Para a avaliação foram consideradas as variáveis autoconfiança, negativismo, atenção, motivação, imagética, positividade e atitude competitiva. É destacado que tais características são de grande importância para a disputa de competições com alto grau de exigência, pois através do desenvolvimento destas pode-se alcançar um nível elevado de desempenho. Para a pesquisa foram selecionados 529 participantes, sendo 263 jogadores de

times que jogam competições nacionais e 266 que integram equipes que disputam competições regionais. Todos os entrevistados eram do sexo masculino e possuíam idade entre 16 e 39 anos. O instrumento de pesquisa utilizado foi o Perfil Psicológico de Prestação (PPP), validado para a língua portuguesa pelos autores da pesquisa, que contém 42 itens agrupados de acordo com as sete variáveis já mencionadas acima. Os dados dos dois grupos pesquisados foram comparados e verificou-se que em todas as variáveis os jogadores que compunham equipes que disputavam competições nacionais obtiveram maiores escores que os jogadores que compunham equipes que disputavam competições regionais.

Com relação ao enfrentamento da dor por parte de atletas envolvidos em prática de alto rendimento menciona-se a pesquisa de Silva, Rabelo e Rubio (2010), na qual foi investigado como tais atletas convivem, encaram e controlam a dor, formas de identificação do tipo de dor e a capacidade de responder adequadamente aos sinais desta e seus limites. Participaram deste estudo 32 atletas que estavam envolvidos nos Jogos Abertos Brasileiros de 2009 nas modalidades basquete masculino e feminino e vôlei feminino. Os pesquisadores utilizaram como instrumento de coleta de dados o Inventário da Dor para o Esporte – SIP, com itens no padrão likert de 5 pontos, e o relato pessoal dos atletas. O Inventário da Dor para o Esporte é composto de 5 subescalas referentes à competição: enfrentamento direto (COP), cognitiva (COG), catastrofização (CAT), evitamento (AVD) e consciência corporal (BOD). Após a análise dos resultados o estudo identificou que os atletas apresentavam diferenças significativas com relação à gênero e idade nas situações e estratégias de enfrentamento da dor.

Com relação às situações de ansiedade enfrentadas por jogadores de futebol destaca-se o estudo desenvolvido por Román e Savoia (2003) com 3 equipes amadoras. O objetivo do estudo foi avaliar a manifestação da ansiedade em jogadores de futebol e identificar as crenças e pensamentos disfuncionais mais comuns entre esses indivíduos. Participaram 75 jogadores e como instrumento de pesquisa foram utilizados o Inventário de Depressão de Beck (BDI), a Escala de Avaliação dos Sintomas Depressivos e o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI). Além da aplicação dos instrumentos de pesquisa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas nas quais foi solicitado aos participantes mencionarem os pensamentos automáticos em momentos de jogos que ocasionavam o aparecimento da ansiedade e depressão. Os resultados mostraram que os atletas apresentaram 61% de sintomas de ansiedade e 39% de depressão. Em relação aos pensamentos disfuncionais foram identificados como predominantes os relacionados à performance durante o jogo, como dar passe errado (22%), não perder oportunidade (16%), não posso prejudicar o time (14%), possibilidade de receber críticas (12%).

3.2.2. Dimensões Psicossociais do Esporte

Os estudos sobre a busca pelo alcance de determinado nível ou forma de desempenho entre atletas e não atletas têm como foco identificar as variáveis interferentes em tal âmbito. O trabalho com estes indivíduos sobre o alcance de resultados também implica análise de aspectos culturais, valores e contextos culturais. Nesse aspecto é importante o papel do psicólogo na identificação desses valores em articulação com o contexto social do indivíduo, verificando de que forma interferem no alcance dos objetivos esportivos (Rubio, 2007).

Como exemplo da dimensão psicossocial dessas variáveis que estão relacionadas com o alcance de objetivos na prática do esporte menciona-se a concepção acerca de corpo perfeito entre praticantes de musculação atletas e não atletas. Goldenberg (2006) afirma que existem construções culturais distintas do conceito de corpo perfeito entre os indivíduos dos diferentes grupos sociais. Esta construção é caracterizada pela valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros e é influenciada pelo contexto histórica e cultural dos indivíduos em questão. A autora destaca a força com que se apresenta em um dos grupos culturais da atualidade a denominada *cultura da malhação*, que dá destaque ao corpo malhado e trabalhado. Araújo (2007) afirma que o *corpo malhado* buscado por este grupo cultural é um corpo que representa disciplina, que exige o rigor e cuidado de si, o que indica busca por uma perfeição quase impossível de alcançar.

No conjunto de comportamentos característicos entre praticantes de atividade física e musculação destacam-se os que analisam a relação entre musculação e uso de substâncias que promovem desenvolvimento muscular, como suplementos alimentares e esteróides anabolizantes, responsáveis por crescimento de massa muscular de forma exagerada e rápida. Silva e Moreau (2003) realizaram estudo com praticantes de musculação com o objetivo de traçar o perfil de usuários de anabolizantes e identificaram que 19% da amostra pesquisada fazia uso deste tipo de substância. Neste estudo, considerando somente o público masculino, o número de indivíduos que fazem uso deste tipo de substância sobe para 24%. O perfil identificado de usuários de anabolizantes foi descrito pelos pesquisadores como predominantemente

composto por homens, com idade média de 27 anos, cuja motivação principal é o aumento de massa muscular e treinamento muscular intenso.

Outro estudo relacionado ao tema foi desenvolvido por Lima e Linhares (2006), que pesquisaram acerca da utilização de suplementos em praticantes de musculação. O termo *suplemento* indica componentes alimentares utilizados como reforço na dieta. Os autores verificaram que 35% dos indivíduos pesquisados faziam uso de suplementos, 75% dos que faziam uso de suplementos se encontravam na faixa etária de 18 a 29 anos, 78% faziam uso de suplementos protéicos, 69% tinham como objetivo o aumento de massa muscular e 84% relataram não ter observado qualquer efeito colateral ocasionado pela utilização do suplemento.

Estudos como os que foram citados indicam necessidade de compreensão do processo psicossocial associado à prática esportiva da musculação. Falcão (2008) descreve a dismorfia muscular em homens adolescentes e adultos que buscam, de forma obsessiva, atingir o modelo que valorizam de corpo perfeito - uma psicopatologia com maior incidência no público masculino. Diante dessa realidade, a atuação e intervenção do psicólogo do esporte junto a tais indivíduos atletas e não atletas envolve proporcionar suporte emocional compatível com a promoção e prevenção da saúde, alertando sobre comportamentos de risco e condutas patológicas que possam ocasionar algum tipo de transtorno alimentar ou dismorfia muscular, relacionado à imagem corporal e ao ideal de perfeição. Fica claro que além da prática do psicólogo do esporte vinculada ao esporte de alto rendimento, há possibilidades importantes de atuação em outros ambientes esportivos e

espaços de recreação, lazer e reabilitação, tais como academias de ginástica, clubes esportivos, clínicas de reabilitação e projetos sociais.

Também inclusos na categoria de processos psicossociais e psicologia do esporte se encontram os fenômenos relacionados ao contexto da prática do futebol. Em estudo desenvolvido por Rodrigues (2004) objetivou-se identificar a relação entre modernidade, disciplina e formação profissional do jogador de futebol. O fenômeno do esporte é descrito como disciplinador de corpos e visto como instituição social que tem como finalidade manter a ordem social. O esporte é visto de forma geral como potencializador do domínio do corpo. A exigência do esporte moderno levou a especialização da função de jogar futebol, antes desempenhada por amadores e agora por profissionais que alimentam o espetáculo de massa e do comércio esportivo. As fases de desenvolvimento social do futebol são descritas como primeiros tempos, amadorismo aristocrático, democratização e profissionalização, consagração do estilo brasileiro e modernização e comercialização. Uma das características destacadas do contexto brasileiro na modernidade são os manuais de conduta e cartilhas do jogador disciplinar, identificados no texto como clara manifestação do controle da individualidade do atleta e não como relacionados aos processos disciplinares do exercício da profissão. Na época da modernização constata-se o estabelecimento do trabalho da psicologia do esporte em alguns clubes profissionais no Brasil. O pesquisador identifica que o futebol surge no Brasil como produto da modernidade e seu processo de desenvolvimento ocorre de forma semelhante à de outros setores da sociedade, nos quais a modernização está relacionada à intervenção científica. O jogador de futebol, segundo tal

concepção, é produzido socialmente e desenvolvido em instituições especializadas representadas pelos clubes profissionais.

Ainda com relação à questão do futebol e seu significado Wachelke (2008) desenvolveu estudo com a finalidade de identificar quais as representações sociais de torcedores de futebol brasileiros sobre o futebol. O estudo teve como base a Teoria das Representações Sociais (TRS) e contou com a participação de 521 torcedores de futebol de 5 times brasileiros de uma rede social na internet. Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário respondido pela internet contendo questões sociodemográficas, questão sobre para qual time torce e questão sobre participação em torcida organizada de seu clube. Ainda como parte deste questionário os participantes responderam uma questão de associação livre com o seguinte teor: Por favor, escreva as 5 primeiras palavras ou expressões que lhe vêm à mente quando você pensa em futebol. Os resultados mostraram que os torcedores de futebol de times brasileiros da amostra pesquisada revelaram como elementos centrais das suas representações sociais de futebol os termos *emoção, time, gol, paixão, torcidas, divertimento/entretenimento*.

Também referente ao significado do futebol como processo psicossocial destaca-se o estudo de Freitas (2005) no qual a pesquisadora buscou identificar o significado do futebol para torcedores pernambucanos durante a disputa do Campeonato Pernambucano de Futebol. Deste estudo participaram 234 torcedores dos três maiores times do estado, que participaram da entrevista antes dos jogos de seus times. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, tendo sido estabelecidos núcleos temáticos e acesso a elementos comuns. Os resultados demonstraram que para entrevistados de maior renda o

futebol é visto como divertimento, lazer e momento de fuga das atividades formais. Os participantes de grupos sociais de menor renda, diferentemente, vêem o futebol como componente importante de seus interesses de vida e mesmo de suas perspectivas ou projetos de vida, como conseguir um bom trabalho e melhora de condições econômicas. Outro dado importante observado é a função que o futebol cumpre de aproximação de classes, ou seja, aproximação dos diversos atores sociais.

Outro estudo que pode ser citado acerca de processo psicossocial que permeia a prática do futebol foi o desenvolvido por González-Ramallal (2008) e teve como objetivo identificar a construção da ideia de identidade acerca da Seleção Espanhola de Futebol na imprensa esportiva desse país durante a participação da seleção na Copa do Mundo de Futebol de 2006. O autor destaca a influência do futebol para os torcedores e o papel de construção desta relação de vínculo por parte da mídia no contexto espanhol, além de contribuir para o processo de formação de opinião, ideias, valores e crenças sociais sobre a realidade do país nos diversos contextos históricos. Como fonte de dados o autor utilizou 4 diários esportivos importantes da Espanha (2 de Madri e 2 de Barcelona) e as notícias publicadas imediatamente antes e depois das partidas da seleção na Copa do Mundo. Foram analisados informações de 32 edições divididas igualmente entre os 4 selecionados, de onde foram registradas 666 informações referentes à Seleção Espanhola de Futebol com algumas categorias como ordem de aparição da informação e autores principais mencionados nas informações.

Os resultados deste estudo mostraram que a maior quantidade de informações veio dos diários de Madri, indicando centralidade desta região e

autonomia de Barcelona. Houve grande utilização de fotos para ilustrar sentimentos despertados pelo resultado, evidenciando tentativa de manejo de componentes emocionais caracterizados visualmente. Como principal ator das informações coletadas foi identificada a ideia da Seleção Espanhola como representativa da nação Espanha, além da figura do treinador (Luís Aragonés), do capitão da seleção (Raul), e do povo espanhol. Estas figuras comporiam a tríade de protagonistas do imaginário social acerca da Seleção Espanhola de Futebol.

Um estudo sobre atribuições causais de sucesso e insucesso entre jogadores de futebol foi desenvolvido por Sousa, Rosado e Cabrita (2008). Neste trabalho o objetivo foi investigar as mencionadas atribuições levando em conta o nível da competição na qual atuavam (2ª divisão, 3ª divisão e 1ª divisão distrital). Participaram 125 jogadores de futebol portugueses das citadas divisões. Foi utilizado como instrumentos de pesquisa um questionário contendo questões relacionadas ao perfil sócio demográfico e à prática do futebol, uma questão referente à maior vitória vivenciada pelo jogador e outra sobre a pior derrota, complementadas por seis questões sobre cada um desses dois jogos (maior vitória e pior derrota) a serem respondidas a partir de alternativas de respostas apresentadas em formato Likert. Também como instrumento de pesquisa foi aplicada a *Cause Dimension Scale* (CDSII), escala construída de forma a detectar características dos respondentes em relação a quatro fatores (locus de causalidade, estabilidade, controle pessoal e controle externo).

Os autores destacam que os dados sugerem a tendência dos atletas assumirem, em maior proporção, a responsabilidade pelo sucesso, em comparação com a situação de fracasso. Isso fica claro, por exemplo, no fato

dos atletas com maior responsabilidade competitiva considerarem que resultados negativos que viveram deveram-se a fatores menos internos, menos passíveis de controle pessoal e mais instáveis e passíveis de controle externo, com o que desvinculam-se de tais resultados. A responsabilização diferenciada pelos resultados positivos, mas não pelos insucessos, é identificada por Sousa, Rosado e Cabrita (2008) como egoísmo atribucional, proporciona aos jogadores efetuarem distorções de atribuições que protegem e mantêm confortáveis os seus níveis de auto-estima.

3.2.3. Esporte e Inclusão Social

Mesmo com a predominância dos estudos em Psicologia do Esporte ligados à prática de alto rendimento verifica-se na atualidade um aumento do espaço de estudos e intervenções relacionados aos projetos sociais, à reabilitação, aos programas de qualidade de vida e aos portadores de necessidades especiais. Um número crescente de estudos nestas áreas pode ser identificado, e em tais estudos o trabalho do Psicólogo do Esporte e suas intervenções estão voltados para a motivação à prática de atividade física, o bem estar psicológico e o manejo de emoções e pensamentos para esta prática esportiva em diversos contextos sociais (Rubio, 2003).

Silva (2007) enfatiza a necessidade do profissional vinculado à prática da Psicologia do Esporte estar contextualizado com a realidade brasileira e suas peculiaridades sociais para utilizar o esporte como ferramenta e meio de estruturação de ações educativas. Fora do contexto nacional também verifica-se esta diversificação da prática profissional do Psicólogo do Esporte. Ao considerar a atuação do Psicólogo do Esporte a APA (Associação Americana de Psicologia)

define como prerrogativa deste profissional, além do auxílio a atletas de alto rendimento no alcance de seus resultados, intervenções junto a não atletas (APA, 1999).

Estudo realizado por Silva, Oliveira, Piccione e Lemos (2008), com adolescentes inseridos em medidas socioeducativas, utilizou a prática esportiva do futebol como forma de propiciar reflexão sobre a realidade e as práticas rotineiras desses adolescentes. O objetivo foi possibilitar a construção de novas perspectivas de desenvolvimento como indivíduo de direitos e deveres sociais, visando sua promoção social e a prática da cidadania. O estudo foi desenvolvido junto a adolescentes atendidos pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA) em São Paulo. Como metodologia de desenvolvimento do projeto foi construída uma proposta de encontros com a inserção do futebol e da linguagem peculiar a este nos encontros. Esses encontros foram organizados em etapas: ponto de encontro, diálogos abertos (roda inicial), aquecimento, alongamento, atividade principal, diálogos abertos (roda final), lanche e distribuição dos passes, que consiste no momento de compartilhar experiências. Os dados coletados nos relatos mostraram que foi bem sucedido o processo inicial de reflexão sobre a construção de reinserção social e da prática da cidadania por parte dos adolescentes.

Outro estudo relacionado à intervenção do psicólogo em contexto de projeto social através do esporte como instrumento de intervenção foi desenvolvido por Falcão (2010). O autor descreve sua prática, vinculada ao Instituto Rugby para Todos, em São Paulo, onde aproximadamente 170 crianças e adolescentes são atendidos durante 3 dias na semana nos períodos da manhã e tarde, divididos em 7 categorias de acordo com a faixa etária. O objetivo deste

atendimento é utilizar o rugby como complemento da educação formal, promover o lazer e melhorar a qualidade de vida destas crianças e adolescentes. O projeto está localizado em uma região de São Paulo com predominância de população com dificuldades econômicas marcantes e que são socialmente vulneráveis. O motivo de utilizar o rugby como esporte é o fato dele se caracterizar como esporte coletivo que exige a presença de diversos biótipos em um mesmo time, o que facilita a inclusão dos mais diferentes adolescentes que frequentam o projeto. O autor ainda destaca a necessidade, por parte do psicólogo do esporte, de desenvolver visão interdisciplinar de questões relacionados à sua prática para alcançar maior sucesso.

Além dos estudos relacionados à inclusão social de populações com histórico de exclusão também podem ser citados aqueles desenvolvidos por psicólogos do esporte na iniciação esportiva infantil. Gabarra, Rubio e Ângelo (2009) desenvolveram estudo com o objetivo de refletir sobre a prática profissional do psicólogo do esporte junto às crianças, considerando tal profissional como facilitador das relações sociais. Destaca-se a necessidade do psicólogo do esporte compreender a tríade professor-pais-criança, composta da prerrogativa da função educativa por parte do professor, da verificação dos objetivos da família em inserir a criança na atividade esportiva e suas expectativas e da percepção da importância da atividade para a criança como fonte de desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social, além de avaliar o contexto da iniciação esportiva (local da atividade) e de trabalhar de forma interdisciplinar. A observação destes fundamentos por parte do profissional pode proporcionar intervenções que ajudam no desenvolvimento da criança por meio do esporte.

Outra vertente de estudo relacionada à psicologia do esporte e inclusão social é constituída pelos trabalhos com portadores de necessidades especiais. Andrade e Brant (2008) destacam o papel que a atividade física pode proporcionar ao portador de necessidade especial como forma de integração social através da promoção de sentimentos positivos de dignidade e amor próprio. É salientada a necessidade do psicólogo do esporte elaborar intervenções diferenciadas ao portador de necessidade especial que pratica o esporte em relação às intervenções tradicionais da psicologia do esporte, considerando as características específicas do grupo alvo.

Noce, Simim e Mello (2009) desenvolveram estudo com portadores de necessidades especiais com o objetivo de avaliar se a prática esportiva interferia na percepção de qualidade de vida. Participaram deste estudo 20 indivíduos portadores de necessidade especial do sexo masculino divididos em dois grupos: sedentários e ativos. Para coletar os dados foram utilizados dois instrumentos: um questionário sócio demográfico, com questões de caracterização do perfil da amostra, e o World Health Organization Quality of Life (WHOQOL-Bref), que é formado de 26 itens que avaliam a qualidade de vida em geral, com base em 4 fatores (físico, psicológico, social e ambiental) e que está validado para o contexto brasileiro. Foram identificadas diferenças significativas em todos os fatores da medida, demonstrando a eficácia da prática de atividade física como influência para percepção de melhor qualidade de vida entre portadores de necessidades especiais.

3.3. Psicologia do Esporte e Torcidas de Futebol

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo atual, e sua origem, com o modelo que é conhecido hoje, é atribuída aos ingleses. Práticas que se assemelham com o futebol moderno, no entanto, foram constatadas por historiadores em civilizações remotas. A movimentação de uma esfera com os pés, envolvendo práticas muito semelhantes ao futebol moderno, mesmo sem a organização formal proporcionada por regras de ampla aceitação, foi se tornando esporte popular entre vários grupos, evidenciando capacidade de aglomerar pessoas como expectadores e torcedores (Luccas, 1999).

Na atualidade, as torcidas passaram a ser parte importante do espetáculo que envolve uma partida de futebol. Estas também têm sido alvo de estudos, mas em tais estudos o aspecto mais privilegiado é a violência que se manifesta nas interações entre torcedores rivais, às vezes de grande magnitude e com ocorrência de ferimentos graves e até mesmo de mortes. O interesse do estudo a ser desenvolvido a partir do presente projeto não abrange as torcidas organizadas, mas é importante registrar informações sobre tais estudos, o que é feito na próxima sessão, pela evidente interesse para qualquer discussão sobre torcidas no âmbito do futebol em decorrência da grande presença de tais agremiações no noticiário e nos estádios. Vale registrar, de antemão, que a adesão a tais agremiações traz diversas vantagens instrumentais para os torcedores, pois são oferecidos serviços de acesso a ingressos, transporte e viagens (inclusive viagens internacionais) cujo poder de atração é evidente (Assis, 2008; Hryniewicz, 2008). Deve ficar claro que essas torcidas sobrevivem em simbiose com setores dirigentes do próprio clube e com os veículos de comunicação devotados ao futebol, sem desconsiderar a possibilidade de envolvimento de tais instituições comerciais em outras irregularidades.

3.3.1. Estudos sobre Violência entre Torcidas de Futebol

Um estudo a ser citado sobre a violência entre torcidas de futebol é o que foi desenvolvido por Pimenta (2000), na tentativa de compreender aspectos das interações sociais em tal contexto que é potencialmente violento no Brasil. O estudo envolveu pesquisa de campo entre torcidas organizadas da cidade de São Paulo e agregou dados obtidos na imprensa escrita e televisiva, a partir dos anos 80, que tratavam dos temas “aumento da violência entre torcidas”, “a intolerância com a violência após o acontecimento de 20 de agosto de 1995 denominado *Batalha Campal do Pacaembu*” e a incompatibilidade da violência com os rumos da profissionalização administrativa do futebol brasileiro. O pesquisador descreve o fenômeno “torcida organizada”, a visão das “autoridades esportivas” e os pontos de vista dos torcedores organizados.

Na conclusão afirma-se que o fenômeno da violência nos estádios tornou-se preocupação social especial devido aos motivos banais que dão origem aos conflitos. Observou-se também preocupação por parte das “autoridades esportivas” face ao incômodo causado em seus interesses nos eventos esportivos, do que resulta sua tentativa de manter a ordem social através da repressão. No entanto, tal repressão tem servido apenas para desviar a busca das torcidas organizadas pela satisfação de seus prazeres para outros contextos e movimentos, pois a violência por parte destas torcidas, que são formadas, em grande parte, por jovens não é fruto exclusivo do convívio de fanáticos com o futebol, devendo ser creditada também às dimensões do cotidiano urbano como o esvaziamento da consciência social e coletiva, ao modelo de sociedade de

consumo que valoriza a individualidade, o banal e o vazio, além de ser necessário levar em conta o eventual prazer proporcionado a esses indivíduos pelos confrontos violentos. É importante lembrar que confrontos violentos “esportivos”, em forma de luta que expõe os participantes a graves lesões, também têm sido explorados comercialmente pelos meios de comunicação nos últimos anos, com grande adesão de público, reafirmando a valorização da banalidade – que, no caso, é uma brutal banalidade.

Assis (2008) desenvolveu estudo com integrantes de torcidas organizadas de Goiás, buscando identificar as representações sociais de torcida organizada e de violência desses indivíduos. Os resultados destacam que são elementos importantes na constituição dessas representações a noção de união do grupo e fidelidade a ele, a excitação decorrente do envolvimento em confrontos violentos, a rivalidade em relação aos outros grupos de torcedores a serem enfrentados e aos policiais que cerceiam as manifestações de violência, e o prazer de ver os próprios atos de violência e intimidação repercutirem nos meios de comunicação. Em relação a tais participantes de torcidas organizadas a autora do trabalho chega a identificar uma vida muito limitada que se amplia com a idolatria ao clube ou a algum jogador, de forma que o torcedor passa “a viver suas emoções basicamente por meio dos acontecimentos esportivos, do sucesso e da derrota de seu clube predileto” (p. 97).

Outro exemplo dessa categoria de estudos sobre violência e torcida de futebol é o trabalho de Moraes e Moraes (2012), que realizaram pesquisa bibliográfica analisando os comportamentos violentos no ambiente das torcidas do futebol sob a perspectiva teórica da psicanálise. O objetivo consistiu em entender como um esporte que tem o propósito de ser uma atividade lúdica se

transforma em pretexto para agressões graves e danosas. Os autores concluem com a apresentação da proposição de que o fato do futebol constituir aspecto da cultura brasileira regido por regras próprias pouco limitadoras, e pelo próprio aspecto lúdico envolvido, favorece o entendimento de que no seu âmbito há permissão de transgressão da ordem social estabelecida, principalmente por parte das torcidas, o que acaba, em muitos casos, levando ao extremo da manifestação de comportamentos agressivos das torcidas. As reflexões dos autores, vale assinalar, foram construídas apoiadas em informações sobre as torcidas organizadas, e não a partir da realidade do torcedor comum.

Outros estudos sobre violência no contexto de torcidas de times de futebol realizados no Brasil estão disponíveis na literatura. Um desses estudos, também fundamentado na perspectiva psicanalítica, mas sem foco em torcida organizada, é o de Hryniewicz (2008). O autor obteve dados a partir de entrevistas estruturadas (incluindo algumas questões cujas alternativas de respostas eram lidas para que o entrevistado indicasse a sua resposta) com torcedores paulistas que não integram torcidas organizadas, o que, como já foi assinalado, o diferencia dos demais estudos citados sobre torcidas. Os dados obtidos no estudo são bastante limitados, mas revelam que os entrevistados admitem que torcer por um time e assistir aos jogos (no estádio, na televisão ou no rádio) representa uma distração que contribui para esquecer momentaneamente os problemas e para descansar um pouco do trabalho e das preocupações em torno dele. O autor argumenta que torcer é atividade realizada sem questionamento, podendo ser dito que é alienante (esse caráter alienante do futebol já foi usado politicamente muitas vezes por diversos governantes, como a literatura registra), e cumpre o possível papel de gerar no torcedor a

condição de vencedor, mesmo que ocasional, em uma sociedade que, às vezes, é muito dura e na qual o cidadão que torce pode ser muito mais frequentemente um perdedor.

Como ilustração, é interessante citar uma vertente distinta de estudos representada pelo trabalho de Vieira e Siqueira (2008), que desenvolveram estudo sobre a violência nos estádios tendo como foco as implicações para a questão da Saúde Pública. Os autores destacam que, historicamente, o tema tem despertado a atenção da segurança pública, mas diante dos episódios atuais de violência física e de aumento de atendimento médico nos estádios começou a haver mais atenção às questões de saúde relacionadas ao assunto. Para realizar o trabalho os autores utilizaram como método o levantamento bibliográfico sobre violência, futebol e torcidas organizadas. Os autores constataram número reduzido de artigos, livros, estudos e pesquisas com dados relacionando o fenômeno da violência entre torcidas de futebol e a questão da Saúde Pública, além de não utilização eficiente dos dados existentes e pouca interação entre os setores sociais para discussão e proposição de soluções. A pesquisa destacou que existe grande necessidade de estudos e pesquisas para melhor aprofundamento no tema, o que pode contribuir para a elaboração de intervenções sociais mais eficientes dos diversos setores públicos.

Alguns dos trabalhos citados anteriormente fazem menção à torcida, aspecto de evidente relevância no contexto do futebol, como fator importante para a compreensão da dimensão cultural alcançada pelo esporte, mas com ênfase na violência. A condição de torcedor está no foco de interesse do presente projeto, mas sob outro ângulo. Antes de esclarecimentos mais detalhados, vale registrar que em alguns países é possível detectar

superposição expressiva entre torcida por um time e identidade regional, por pertencimento à cidade ou região representada pelo time. Isso quer dizer que o indivíduo é levado a torcer por determinado time porque nasceu na região ou na cidade que aquele time representa.

No Brasil essa superposição é menos reconhecível, uma vez que fatores econômicos e geográficos favoreceram a organização e a consolidação de torneios estaduais, com o que muitas das grandes cidades do país contam com mais de uma equipe de desempenho equivalente na mesma cidade, fragmentando a adesão de torcedores de forma a que os diversos times sejam contemplados. Essa fragmentação, como se verá, gera um contexto que propicia o desenvolvimento de um estudo como o que está sendo proposto aqui, possibilitando examinar um conjunto maior de elementos potencialmente influenciadores da decisão de torcer por um ou por outro time. O tema é pouco explorado em outros estudos, mas é mencionado no trabalho de Hryniewicz (2008), como informação auxiliar aos propósitos de sua investigação, que não estava centrada em tal assunto. As respostas mostraram que os dezesseis participantes têm dificuldade de identificar com objetividade qual ou quais foram as fontes de influência de sua decisão de se tornar torcedor de futebol. Ainda assim, aparecem com algum destaque menções aos amigos, à família, aos meios de comunicação e ao fato de ter assistido algum jogo no estádio quando ainda era bem jovem.

3.4. Psicologia do Esporte e Instrumentos Psicométricos

Pawlowski, Trentini e Bandeira (2007) destacam o crescimento do interesse por estudos na área de avaliação psicológica e neuropsicológica nos últimos anos em decorrência das discussões acerca da desatualização e da falta de instrumentos com validade psicométrica para aplicação no contexto brasileiro. A partir da resolução nº 2/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) o uso, a elaboração, e a comercialização de instrumentos psicológicos foram regulamentados seguindo os critérios de fundamentação teórica, evidências empíricas de validade e precisão das interpretações, elementos de validade das propriedades psicométricas dos itens, sistema de correção e aplicação do instrumento (Manfredini e Argimon, 2010).

A utilização de instrumentos psicométricos em Psicologia do Esporte está sujeita aos mesmos cuidados acima mencionados, devendo os instrumentos passarem por estudos de validação que objetivam verificar suas sensibilidade e fidedignidade na mensuração do fenômeno sob foco (Noronha e Vendramini, 2003). Nesta sessão destacam-se estes estudos que foram desenvolvidos na Psicologia do Esporte com o objetivo de validar instrumentos de pesquisa para sua posterior utilização na prática.

3.4.1. Estudos em Psicologia do Esporte com Validação de Instrumentos Psicométricos

Pesquisando acerca de motivação para a prática esportiva, Balbinotti, Barbosa, Saldanha e Balbinotti (2011) desenvolveram estudo para testar o modelo tridimensional avaliado pela Escala de Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE - 18). Esta escala é baseada no modelo tridimensional da variável "Competitividade", que, segundo o estudo, constitui

importante variável motivacional para a prática do esporte, e que é descrita como composta dos seguintes fatores: Orientação para Vitória (OV), Orientação à Performance (OP) e Orientação ao Status (OS). Participaram 549 jovens, com idade entre 13 e 16 anos, homens e mulheres, que praticam esportes e atividade física regularmente e estavam vinculados a competições regulamentadas. Estes preencheram um questionário biosociodemográfico e a Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE - 18). Esta escala foi elaborada com a finalidade de descrever a variável competitividade quando relacionada à motivação para a prática do esporte e possui 18 itens elaborados em sentenças positivas com alternativas de resposta no modelo Likert de 5 pontos, com ancoragem nos extremos “isso me motiva pouquíssimo” (1) e “isso me motiva muitíssimo” (5). Os resultados mostraram a consistência interna do instrumento psicométrico e do modelo tridimensional do construto “competitividade”.

Outro estudo desenvolvido acerca de motivação para a prática esportiva com construção de uma medida psicométrica foi feito por Gonçalves e Alchieri (2010). Esses pesquisadores realizaram o estudo com praticantes de atividades físicas não-atletas para verificar a motivação para a prática dessas atividades, tendo participado 309 praticantes de atividades físicas, homens e mulheres, com idades compreendidas entre 16 e 74 anos. Como instrumento de pesquisa foi utilizada a Escala de Motivação à Prática de Atividade Física Revisada (MPAF – R) que possui 5 fatores: diversão, competência, aparência, saúde e social, validada para o contexto brasileiro com 26 itens com índices de consistência interna satisfatórios. Os participantes respondem os itens da escala, apresentados segundo o modelo Likert de 7 pontos (com os extremos 1 – Discordo Totalmente; 7 – Concordo Totalmente). Também foi utilizado um

questionário sócio-demográfico, que incluiu questões relativas à prática de atividade física, de forma a discriminar os que a realizam como parte de algum esporte e os que realizam atividade física independentemente de qualquer modalidade esportiva. As análises foram desenvolvidas com a finalidade de verificar a existência de diferenças significativas nos fatores do construto “motivação para a prática da atividade física” e as variáveis de gênero, faixa etária e índice de massa corporal. Os resultados mostraram que, considerando todo o grupo pesquisado os principais motivos para a prática da atividade física são a saúde, a diversão, a aparência e a competência, ficando em plano secundário os motivos sociais. Saúde teve destaque como motivação entre mulheres e idosos.

Hernandez e Voser (2012) desenvolveram um estudo com a finalidade de validar a Escala de Liderança para o Esporte (ELE), versão preferência de liderança, para o contexto brasileiro. Participaram deste estudo 706 atletas do sexo masculino e feminino, de diversas modalidades esportivas. A Escala de Liderança para o Esporte foi aplicada na versão preferência de liderança, que contém 40 itens divididos em 5 fatores: *treinamento e instrução*, *apoio social*, *feedback positivo*, *comportamento democrático* e *comportamento autocrático*. Os itens da escala estão apresentados em formato Likert de 5 pontos, variando entre os extremos nunca (1) e sempre (5). Os resultados de validação evidenciaram consistência interna para os fatores *feedback positivo*, *comportamento democrático* e *comportamento autocrático*, validando-os, portanto. Alguns itens relativos aos fatores *treinamento e instrução* e *apoio social* apresentaram problemas de consistência, talvez em decorrência de deslizos de

tradução, o que indica necessidade de reformulação de tais itens para nova avaliação do instrumento.

Bartolomeu e Machado (2008) realizaram estudo com 172 atletas de diversas modalidades, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 58 anos, para desenvolverem uma medida de avaliação de agressividade em atletas. Para este estudo foi construída uma escala com 54 itens com descrições relacionadas a atitudes agressivas durante a prática do esporte, no formato Likert de 3 pontos, compreendendo sempre (2), às vezes (1) e nunca (0). A análise estatística de componentes principais indicou a solução de três fatores para o construto, que foram denominados *Condutas Intimativas*, *Comportamentos Agressivo Declarado* e *Agressividade Encoberta*. Os resultados atestaram a validade da escala e a possibilidade de sua utilização como instrumento de pesquisas relacionadas à agressividade no contexto do esporte brasileiro.

Rohlf, Carvalho, Rotta e Krebs (2004) elaboraram um estudo em que se discutiu o processo de validação da escala de Perfil dos Estados de Humor-Adolescente (POMS-A) para utilização em adultos. Inicialmente o instrumento foi construído com 65 itens e 6 fatores (tensão, depressão, raiva, vigor, fadiga e confusão mental), mas após pesquisas de campo obteve-se várias versões abreviadas do POMS. Uma destas foi validada para o uso em adultos e denominada Brunel Model Scale (BRUMS). Esta versão conta com 24 itens e preserva o propósito original da escala de mensurar o estado de estresse causado pelo excesso de treinamento físico diante das exigências da prática esportiva de alto rendimento. Rohlf, Rotta, Luft, Andrade, Krebs e Carvalho (2008) apresentam em outro estudo a primeira etapa da validação da BRUMS, iniciada com procedimento de tradução reversa. Essa versão da escala foi

respondida por 34 atletas masculinos de um time da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol, divididos nas categorias adolescentes (16 e 17 anos) e adultos (18 e 19 anos). Além da escala os participantes foram entrevistados para ampliar informações que interessavam à verificação da sensibilidade do instrumento e para identificar mudanças ocorridas nas situações treino e jogo. Os resultados deste estudo atestaram a sensibilidade e fidedignidade do instrumento e evidenciaram que este pode ser utilizado na avaliação de estados alterados de humor entre praticantes de atividade física como importante ferramenta de intervenção prática e para elaboração do processo de treinamento de atletas.

Em estudo realizado com torcedores de futebol, por Wachelke, Andrade, Tavares & Neves (2008), foram construídos dois instrumentos psicométricos relacionados ao fenômeno de torcer por um time de futebol. O primeiro consiste na Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT). Sua elaboração teve como base uma escala para estudar torcedores de basquete universitário dos Estados Unidos e constitui adaptação para o contexto brasileiro e para o futebol. A escala, apresentada em modelo Likert com sete pontos, é formada por 7 itens como “quão importante é para você ser um torcedor do seu time”, “quão fortemente os seus amigos o vêem como torcedor do seu time” e “quão importante é para você que seu time de futebol vença” com âncoras de acordo com o item. O estudo mostrou que esta escala consegue mensurar níveis de identificação grupal dos torcedores de futebol com seus respectivos times, mas que sua eficácia é restrita aos níveis menos intensos de identificação do torcedor com seu time.

Ainda nesse mesmo estudo de validação da Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT) foi identificada a necessidade de elaboração de um instrumento de medida específico para níveis mais intensos de identificação de um torcedor de futebol com seu time. A partir disso foi construída uma segunda medida psicométrica para descrever torcedores com grande nível de identificação com seus times, com “dedicação excessiva, incomum” (Wachelke *et al*, 2008, p. 102) a Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF). A elaboração desta escala levou em consideração a construção de itens para mensuração de uma identificação mais elevada, com proximidade do tema “fanatismo”. Na construção desta escala foram incorporados 5 de 9 itens da *Motivation Scale for Sport Consumption* (MSSC) com adaptação feita para o contexto do futebol. A EFTF é padronizada no formato Likert de 7 pontos, com pontos de ancoragem de acordo com o enunciado, como “Discordo Fortemente” e “Concordo Fortemente”, além de possuir 11 itens como “você fala de acontecimentos relacionados a seu time de futebol o tempo todo”, “futebol não é diversão, mas é coisa séria”, “você prefere acompanhar jogos do seu time que atender a compromissos pessoais ou de trabalho” e “você sente muita angústia durante jogos difíceis envolvendo seu time”. Wachelke *et al* (2008) descrevem que a escala apresenta níveis de mensuração adequados ao construto “fanatismo” e apresenta alta correlação com a EITT.

Além dos estudos com torcedores de futebol nos quais foram construídos medidas psicométricas para mensurar aspectos relacionados ao fenômeno de torcer por um time pode-se também destacar os estudos com torcedores e fãs de outros esportes. Wann, Schrader e Wilson (1999) desenvolveram estudo com o objetivo de mensurar motivações que torcedores de diversos esportes admitiam

ao justificarem seus comportamentos de torcedores. Participaram deste estudo 96 pessoas, 43 homens e 53 mulheres, que forneceram seus dados sócio demográficos e responderam os 23 itens da *Sport Fan Motivation Scale* (SFMS), apresentados no modelo Likert de 8 pontos variando entre os extremos “isto não me descreve totalmente” (1) e “isto me descreve totalmente” (8). A análise dos dados propiciou a identificação 8 fatores, indicando diversidade de fatores motivacionais a serem considerados: eustress (neologismo que identifica um tipo de reação que é estressante, mas também é motivadora para a continuidade da atividade que a produz, algo como um “estresse positivo”), auto-estima, fuga, entretenimento, econômico, estético, afiliação de grupo e família. O estudo revelou que a SFMS é eficiente para mensurar as motivações atribuídas ao comportamento de acompanhar um determinado esporte como torcedor.

Também buscando descrever motivação de construção da condição de torcedor de futebol Izzo, Munteanu, Langford, Ceobanu, Dumitru e Nichifor (2011) desenvolveram estudo junto a torcedores de futebol na Romênia que envolveu a validação de uma escala para o contexto romeno. Os autores não identificaram instrumento de pesquisa para aplicação no contexto romeno e optaram por fazer um levantamento de escalas que mensurassem a motivação para a construção da condição de torcedor em outros contextos. Neste levantamento foram identificados 6 subescalas da *Motivation Scale for Sports Consumption* (MSSC) e da *Sport Interest Inventory* (SII) que poderiam ser adaptadas para o contexto de torcedores de futebol romeno. Estas subescalas (25 itens propostos no modelo Likert de 5 pontos) foram utilizadas em um estudo exploratório com 52 estudantes universitários e os resultados levaram à identificação 7 fatores como motivos para a construção da condição de

torcedor de futebol. Em seguida este instrumento foi aplicado em 382 estudantes universitários romenos, 227 homens e 155 mulheres, e os resultados indicaram como mais adequado um modelo com 6 fatores a serem considerados como motivos para explicar o comportamento de torcedores de futebol na Romênia: realização vicária com os bons resultados (elevação da auto-estima), fuga, drama (suspense), admiração pela habilidade física dos jogadores, socialização enquanto assiste jogos pela TV ou durante ida ao estádio, entretenimento (diversão).

A validação de uma escala que investiga qual a motivação para a prática de esporte entre adolescentes e jovens adultos brasileiros foi o objetivo da pesquisa de Vasconcellos (2011). Neste estudo foi utilizado como instrumento de pesquisa o *Behavioral Regulation in Sport Questionnaire* (BRSQ) e foi feita a sua validação para aplicação no contexto brasileiro. Participaram do estudo 167 indivíduos, homens e mulheres, todos atletas de diversas modalidades (atletismo, tênis de campo, natação, ginástica rítmica, futebol de campo, futebol de salão, basquete, vôlei, hóquei sobre grama, futebol americano e handebol). A tradução do instrumento foi feita por especialista em Psicologia do Esporte fluente em língua inglesa, que conhecia o estudo e seus objetivos. A escala original apresentava duas versões, BRSQ – 6, composta de 6 fatores e BRSQ – 8, composta de 8 fatores. A escala traduzida foi aplicada, em estudo piloto, em uma amostra de 44 atletas para avaliar a validade de clareza. Após as devidas correções a escala foi denominada *Questionário de Regulação do Comportamento no Esporte* (QRCE) e novamente aplicada em atletas nas duas versões. As duas versões apresentaram evidências de validade e fidedignidade

em populações de adolescentes e jovens adultos brasileiros, mas com estrutura fatorial diferente das versões originais.

Até esse ponto do texto foram apresentados estudos de interesse para a Psicologia do Esporte, de forma a caracterizar alguns aspectos da área, ressaltando a relativa carência de estudos sobre torcedores, apesar de constituírem parte essencial dos espetáculos esportivos. Foram apresentados também alguns estudos sobre torcedores de futebol, evidenciando que a temática de tais estudos concentra-se nas manifestações violentas que acompanham diversos grupos de torcedores. Como o presente estudo lidará com um instrumento de avaliação elaborado especialmente para a coleta de dados, houve ainda a preocupação de apresentar alguns estudos que se valeram de instrumentos psicométricos no âmbito do esporte. A seguir serão descritos aspectos do procedimento adotado para verificar elementos constituintes da condição de torcedor de futebol na realidade brasileira.

4. Método

4.1. Participantes

Participaram do estudo 395 indivíduos, sendo 266 do sexo masculino (67,3%) e 129 do sexo feminino (32,7%), com idade média de 28,4 anos (DP = 7,81), todos acima dos 18 anos. A grande maioria dos participantes reside na região sudeste do país (368 – 93,2%), com concentração de mais da metade deles em quatro cidades: Belo Horizonte (112 - 28,4%), Governador Valadares (39 - 9,9%), Vitória (38 - 9,6%) e São Paulo (27 - 6,8%).

Quanto à identificação profissional dos participantes, constatou-se a seguinte distribuição: estudantes (92 - 23,3%), psicólogos (36 - 9,1%), engenheiros (24 - 6,1%), professores (19 - 4,8%), advogados (14 - 3,5%), administradores (14 - 3,5%), vendedores (13 - 3,3%), empresários (13 - 3,3%) e servidores públicos (12 - 3%). Quanto à escolaridade, foram 203 participantes (51,4%) com ensino médio e 192 (48,6%) com ensino superior.

Para que pudessem participar da pesquisa, os indivíduos deveriam se identificar como torcedores de um time de futebol, havendo necessidade de mencionar o time para o qual torcem. Predominaram torcedores dos dois principais times de Minas Gerais, como era esperado em função das cidades em que residem muitos dos participantes: Cruzeiro = 116 (29,4%), Atlético Mineiro = 105 (26,6%). O percentual de torcedores de qualquer outro time não alcançou 10%, com apenas seis times representados com mais de 2% dos participantes: Flamengo = 37 (9,4%), São Paulo = 27 (6,8%), Corinthians = 25 (6,3%), Vasco da Gama = 23 (5,8%), Palmeiras = 12 (3,0%), Botafogo = 10 (2,5%). Aproximadamente 10% dos participantes torcem por outros times.

Não há como afirmar com segurança mais características dos participantes, mas é admissível supor que alguém que acessou o tipo de página na qual o questionário poderia ser conhecido, se interessou pelo instrumento e decidiu respondê-lo, é alguém que pode ser chamado de torcedor ativo, que acompanha futebol e tem nível de conhecimento a respeito mais elevado do que o de não torcedores ou mesmo de “torcedores não praticantes”.

4.2. Procedimentos e Instrumentos

Inicialmente, os participantes preencheram um questionário constituído por questões sobre a cidade em que residem, sexo, idade, profissão e o time para o qual torcem.

Em seguida os participantes responderam questões relacionadas ao fato de torcerem para um time de futebol, com o objetivo de identificar fatores que contribuem para a construção da condição de torcedor. Essas questões constavam de instrumento elaborado como parte da presente investigação, identificada como Escala de Composição da Condição de Torcedor de Futebol (ECCTF).

A escala ECCTF foi desenvolvida para mensurar quais são os elementos de maior influência na composição e, eventualmente, na construção da condição de torcedor de um time de futebol. O instrumento original partiu de 72 itens fechados respondidos no padrão Likert de 5 pontos (1 - Não me caracteriza; até 5 - Caracteriza-me totalmente) subdivididos em três categorias denominadas, para facilidade de identificação, como família, social e mídia, ainda que seja evidente que aspectos da vida social estão presentes em todas.

A categoria “família” leva em consideração as influências familiares que podem funcionar como fatores motivadores para a escolha de um time de futebol, conforme destacada por Moraes e Moraes (2012) e Mullin, Hardy e Sutton (2004), com repercussões na manutenção do interesse em continuar sendo torcedor. A categoria “social” considera os fatores sociais, excluindo aqueles relativos à vida familiar, que influenciaram a decisão de torcer, e de se manter torcendo, por um determinado time de futebol. Essa categoria foi considerada devido à importância dos aspectos sociais e culturais, no contexto brasileiro, para a formação da identificação com o futebol, como descrito por

Rodrigues (2002), Freitas (2005) e Freitas (2007). A categoria “mídia” (meios de comunicação de massa), por sua vez, foi levada em conta em decorrência da relevância atribuída a influência dos veículos de comunicação sobre torcedores de futebol. Estudos como os de Giglio (2007), Benazzi e Borges (2009) e Da Silva (2011), destacam a relevância do papel mídiático (dos meios de comunicação) na formação da condição de torcedor de futebol.

As questões referentes ao questionário sócio-demográfico e os itens da ECCTF foram disponibilizados via online em sítios da internet relacionados ao universo de torcedores de futebol. Walchelke e Andrade (2009) destacam que a internet possibilita a aplicação e novas formas de se fazer pesquisa, inclusive na Psicologia, com as vantagens de viabilizar seleção facilitada de participantes adequados ao assunto, de auxiliar a produção científica relevante de pesquisadores com pouco recurso financeiro, de proporcionar análise de novos fenômenos comportamentais em ambientes *online* como fóruns e listas de discussão, de aumentar o nível de automação na condução de estudos e de facilitar a coleta de dados em volume que viabilize tratamentos estatísticos.

4.3. Aspectos Éticos do Estudo

Este estudo está contido em um projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, conforme o protocolo 46/2006. Constitui um dos desmembramentos desse projeto, a cuja equipe está integrado o coorientador do presente estudo.

Os participantes registraram sua concordância em participar da pesquisa mediante aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que era disponibilizado quando do acesso à pesquisa e em seguida preenchiam os

dados do questionário sócio-demográfico e os itens da escala. Depois de respondidas todas as questões, os questionários eram enviados para um banco de dados armazenados no endereço eletrônico do pesquisador.

4.4. Análise dos Dados

Os dados foram organizados e analisados com auxílio do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences - versão 18.0). Inicialmente foram feitas as análises estatísticas de frequência dos dados do questionário sócio demográfico. Posteriormente foi feita análise fatorial dos componentes principais para verificar adequação dos dados e o levantamento dos indicadores de validade fatorial da medida.

Na sequência, calculou-se os coeficientes de confiabilidade alfa de *Cronbach* para levantamento dos indicadores de precisão das subescalas resultantes. Com as propriedades psicométricas da escala verificadas, foram efetuadas análises comparativas entre duas condições por meio do teste *t*. Trata-se de um teste paramétrico que tem como finalidade comparar diferença de médias entre duas variáveis. Foi realizado o teste *t* para amostras emparelhadas, que é utilizado quando existe um delineamento relacionado no qual os participantes tomam parte em ambas as condições, e o entre grupos independentes, que é utilizado quando existe um delineamento independente com participantes tomando parte em apenas uma das duas condições (Dancey e Reidy, 2006).

5. Resultados

5.1. Validação da Escala

Os itens da ECCTF foram submetidos à avaliação de 5 juízes especialistas em Psicologia do Esporte e Psicologia Social. As sugestões pertinentes identificadas foram referentes a acréscimo e modificação de itens como elaboração de um item que identificasse a relação do torcedor com um jogador de futebol considerado ídolo e de itens que mencionassem a transmissão de jogos via internet e de vídeos de jogos de futebol. Foi também sugerido nesta avaliação a manutenção da divisão dos itens da escala entre as categorias família, social e mídia.

Inicialmente foi realizada uma análise fatorial exploratória com método dos componentes principais e rotação varimax para os itens da ECCTF. Após esta análise verificou-se que o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($p < 0,001$) e o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que tem como objetivo avaliar a adequação da amostra e a fatorabilidade dos itens (Wachelke et. al, 2008) foi de 0,85, mostrando que a covariância da matriz é acentuada e justificando a pertinência da análise. (Cassepp-Borges e Teodoro, 2007).

Foi efetuada posteriormente uma análise dos componentes principais através do gráfico de sedimentação e análise paralela, onde foram testadas as soluções com três e quatro fatores. Após esta análise optou-se pela solução com quatro fatores para em seguida proceder à análise fatorial exploratória com método de rotação *promax*.

A Tabela 1 apresenta os valores das cargas fatoriais maiores que 0,4 e a distribuição dos itens por fator, a quantidade final de itens e o grau de confiabilidade representado pelo Alfa de Cronbach da escala. Os itens que não

aparecem na Tabela 1 apresentaram carga fatorial menor que 0,40 e foram eliminados por este critério.

Tabela 1. Cargas fatoriais, distribuição dos itens, Alfa de Cronbach e quantidade de itens por fator da Escala de Composição da Condição de Torcedor de Futebol – ECCTF

Itens	Fator 1 (DII)	Fator 2 (DID)	Fator 3 (DMPPro)	Fator 4 (DMcon)
33. Ir ao estádio em um jogo do meu time me deixou impressionado.	0,60			
32. A festa feita pela torcida do meu time nos estádios me atrai como torcedor.	0,59			
52. Gosto de assistir jogos antigos do meu time pela televisão.	0,49			
34. Meu maior ídolo como jogador de futebol tem grande identificação com o meu time.	0,47			
59. Os vídeos na internet com jogos antigos despertam a atenção para meu time.	0,47			
35. Minha identificação como torcedor veio da paixão demonstrada pela torcida ao meu time.	0,44			
6. Gostaria que o meu filho torcesse pelo mesmo time que o meu.	0,42			
3. Considero importante todos da família torcerem pelo mesmo time.		0,62 0,61		
9. Quando um novo membro entra na família, considero importante que ele torça pelo mesmo time que o meu.		0,58		
13. Fico irritado com membros da família que torcem por times rivais		0,55		
10. As conversas entre meus familiares em que mais me sinto à vontade são sobre meu time de futebol.				
18. Não é interessante quando existem na mesma família torcedores de times rivais.		0,54		
23. Meus amigos escolhem torcer pelo time certo se este for o meu time.		0,53 0,53		
8. O que mais gosto nas reuniões familiares é a grande identificação que temos como torcedores de futebol.		0,50		
24. Um dos meus principais momentos de lazer é estar entre torcedores do meu time.				
42. Meus amigos viram "inimigos" quando o assunto é futebol e o meu time.		0,50		
40. Ficava irritado quando meu vizinho comemorava um gol do seu time.		0,43		
12. Quando criança recebia muitos presentes com identificação do meu time dos meus pais.		0,42		
15. Quando via um familiar rindo do meu time ficava muito irritado.		0,41		
48. Meu time possui muito espaço de divulgação nos jornais, o que me ajudou na minha escolha de torcedor.			0,58	
54. Como os noticiários esportivos na televisão são na grande maioria do meu time, minha escolha não poderia ser outra.			0,53	
58. Minha identificação com meu time é ligada ao fato dele ter um jogador que é considerado craque pela imprensa.			0,50	
56. A cobertura da imprensa esportiva dos assuntos envolvendo meu time potencializou minha identificação.			0,49	
36. Praticar esportes com meus amigos me incentivou a escolher meu time de futebol.			0,46	

60. Os jogos de vídeo game me influenciaram o interesse pelo meu time.	0,43
37. Se não torcesse por um time de futebol, não teria assunto com meus amigos.	0,41
29. O fato de o meu time ganhar sempre do maior rival influenciou a minha escolha de torcedor.	0,40
72. Fico satisfeito em assistir pela televisão a derrota do rival do meu time.	0,67
70. Considero uma diversão assistir pela televisão o time rival do meu perdendo um jogo.	0,66
71. Quando assisto ao jogo de um rival pela televisão, quero que ele perca o jogo.	0,66
67. Fico satisfeito quando os comentaristas esportivos criticam o time rival.	0,66
63. Fico satisfeito quando os programas de televisão dão destaque às derrotas do time rival.	0,62
69. Os narradores esportivos tem a tendência de favorecer os rivais do meu time, o que sempre me deixa irritado.	0,40

Alfa de Cronbach	0,79	0,89	0,71	0,85
Quantidade de Itens	7	12	8	6
Variância	3,06	11,71	2,30	3,84

Os quatro fatores encontrados foram nomeados da seguinte forma: Dimensão de Interação Indireta (DII – Fator 1), Dimensão de Interação Direta (DID – Fator 2), Dimensão Mídia Pro-Time (DMPro – Fator 3); e Dimensão Mídia Contra-Time (DMCon – Fator 4).

O primeiro fator, denominado Dimensão de Interação Indireta (DII), foi composto por 7 itens e apresentou índice de precisão alfa de *Cronbach* de 0,79, explicando 3,06% da variância. Essa dimensão se refere aos aspectos afetivos decorrentes de interação social indireta do indivíduo, que pode ser mediada por meios de comunicação, ou pode se dar em estádios ou outros espaços, envolvendo a interação com as torcidas (o que não engloba os amigos torcedores), Trata-se de dimensão que, supostamente, influencia a composição da condição de torcedor de futebol. Essa dimensão está contemplada em itens como “Ir ao estádio em um jogo do meu time me deixou impressionado” (Item 33), “A festa feita pela torcida do meu time nos estádios

me atrai como torcedor” (Item 32) e “Minha identificação como torcedor veio da paixão demonstrada pela torcida ao meu time” (Item 35) e tem como objetivo mensurar quais são as impressões afetivas do indivíduo advindas de tais situações de interação social indireta.

O segundo fator - Dimensão de Interação Direta (DID) - foi formado por 12 itens e apresentou um índice de precisão de alfa de *Cronbach* de 0,89, explicando 11,71% da variância. Esse fator se refere aos aspectos afetivos decorrentes da interação social direta e cotidiana do indivíduo com familiares e amigos que influenciam a construção e a composição da condição de torcedor de futebol. Essa dimensão é composta de itens como “Considero importante todos da família torcerem pelo mesmo time” (Item 3); “Quando um novo membro entra na família, considero importante que ele torça pelo mesmo time que o meu” (Item 9) e “Meus amigos escolhem torcer pelo time certo se este for o meu time” (Item 23). Considerando que o meio social constitui importante fonte de construção de valores, crenças e ideias para o indivíduo, essa dimensão tem como objetivo mensurar a importância das relações sociais vis-à-vis cotidianas do indivíduo como contribuições para a formação e a manutenção da condição de torcedor de futebol. Está em jogo a natureza das impressões decorrentes das interações diretas em que o indivíduo se engaja com os demais integrantes dos seus grupos sociais, a partir das quais ele elabora seus próprios conceitos.

O terceiro fator, identificado como Dimensão Mídia Pró-Time (DMPro), foi composto por 8 itens e apresentou índice de precisão de alfa de *Cronbach* de 0,71, explicando 2,30% da variância. Essa dimensão se refere aos aspectos de influência da mídia na valorização do próprio time de futebol do

indivíduo ou de um jogador de seu time. Possui itens como “Meu time possui muito espaço de divulgação nos jornais, o que me ajudou na minha escolha de torcedor” (Item 48); “Como os noticiários esportivos na televisão são na grande maioria do meu time, minha escolha não poderia ser outra” (Item 54) e “Os jogos de vídeo game me influenciaram no interesse pelo meu time” (Item 60). Considerando a grande influência da mídia na construção de valores sociais essa dimensão procura verificar quais são os fatores relacionados à mídia que fazem com que o indivíduo valorize as qualidades do seu time e influenciem a composição da condição de torcedor de futebol.

O quarto fator Dimensão Mídia Contra-Time (DMCon) foi formado por 6 itens e apresentou índice de precisão de 0,85 e explicando 3,84% da variância. Esse fator se refere aos aspectos de influência da mídia que desvaloriza os times rivais ou o rival principal do time para o qual o indivíduo torce. Essa dimensão é composta por itens como “Fico satisfeito em assistir pela televisão a derrota do rival do meu time” (Item 72); “Considero uma diversão assistir pela televisão o time rival do meu perdendo um jogo” (Item 70) e “Fico satisfeito quando os programas de televisão dão destaque às derrotas do time rival” (Item 63). Tal dimensão propicia averiguar em que nível essa mídia desvalorizadora do time rival contribui para a composição da condição de torcedor de futebol.

Após realizadas as análises dos quatro fatores foi calculado o Alfa de Cronbach geral da medida. O índice de precisão dos quatro fatores foi de 0,72, atestando a confiabilidade estatística e a consistência interna da medida na versão com 33 itens. Por sua vez, os fatores, identificados como Dimensão de Interação Indireta (DII), Dimensão de Interação Direta (DID), Dimensão Mídia

Pró-Time (DMPro) e Dimensão Mídia Contra Time (DMCon), que apresentaram valores de Alfa de Cronbach respectivamente 0,79, 0,89, 0,71 e 0,85, foram todas consideradas satisfatórias.

5.2. Comparação entre homens e mulheres em relação aos fatores da escala

Para identificar diferenças e semelhanças entre aspectos da medida de condição de torcedor de futebol realizou-se um conjunto de análises considerando o sexo dos integrantes da amostra pesquisada e análises de correlação entre os fatores multidimensionais da condição de torcedor de futebol.

Quanto à influência da variável sexo e os fatores da construção da condição de torcedor de futebol, observou-se a partir do teste *t* para amostras independentes que existem diferenças entre homens e mulheres na Dimensão de Interação Indireta (homens, $m = 3,98$; mulheres, $m = 3,46$) [$t(393) = 5,31$, $p = 0,01$] Dimensão Mídia Pró-Time (homens, $m = 1,87$; mulheres, $m = 1,70$) [$t(393) = 2,38$, $p = 0,01$] e Dimensão Mídia Contra-Time (homens, $m = 3,99$; mulheres, $m = 3,70$) [$t(393) = 2,43$, $p = 0,01$]. Não foram identificadas diferenças entre os sexos na Dimensão de Interação Direta (homens, $m = 2,52$; mulheres, $m = 2,33$) [$t(393) = 1,87$, $p = 0,01$].

Nos três fatores com diferenças significativas de média entre homens e mulheres foram identificados escores mais altos entre os participantes do sexo masculino (Dimensão de Interação Indireta, $m = 3,98$; Dimensão Mídia Pró-Time, $m = 1,87$; Dimensão Mídia Contra-Time, $m = 3,99$) do que feminino (Dimensão de Interação Indireta, $m = 3,46$; Dimensão Mídia Pró-Time, $m =$

1,70; Dimensão Mídia Contra-Time, $m = 3,70$). Com exceção da Dimensão Mídia Pró-Time (para a qual a diferença foi pouco expressiva), a amplitude de variação dos escores (dispersão) foi maior entre as mulheres, como indicam os valores mais altos de desvio padrão para a amostra feminina.

Na seção 6 (Discussão) esses resultados serão objeto de considerações interpretativas.

5.3. Outros itens dos resultados

Em relação ao fator denominado DMCon (Dimensão Mídia Contra Time) foi observado o maior valor médio de respostas (3,90), ou seja, as respostas predominantes indicavam que as reações e situações retratadas nos itens eram reconhecidas pelos respondentes como algo que os caracteriza totalmente. Como consta da Tabela 1, o valor Alfa de Cronbach relativo a tal fator foi 0,85, indicando alta correlação entre os itens que o compõem, o que quer dizer que é grande homogeneidade dos itens e, assim, a consistência com que medem a mesma dimensão.

Cinco dos seis itens componentes de tal fator/dimensão são bastante homogêneos e apresentaram carga fatorial muito similar (variando entre 0,62 e 0,67). Todos, como é evidente pelo nome da dimensão, se referem aos meios de comunicação, sendo quase certo que todos se refiram à televisão. Todos mencionam satisfação com derrotas do time rival ou com críticas ao time rival. A saber: 63 - Fico satisfeito quando os programas de televisão dão destaque às derrotas do time rival; 67 - Fico satisfeito quando os comentaristas esportivos criticam o time rival; 70 - Considero uma diversão assistir pela televisão o time rival do meu perdendo um jogo; 71 - Quando assisto ao jogo de um rival pela

televisão, quero que ele perca o jogo; 72 - Fico satisfeito em assistir pela televisão a derrota do rival do meu time.

O sexto item é um pouco diferente em sua estrutura e integrou o fator DMCon com carga fatorial diferenciada em relação aos demais (0,40). Em tal item afirma-se a irritação com narradores que têm tendência a favorecer times rivais, com a redação que se segue: 69 - Os narradores esportivos têm a tendência de favorecer os rivais do meu time, o que sempre me deixa irritado. Em tal item, diferentemente do que ocorreu nos outros cinco, aparece uma informação inicial que pode não ser reconhecida como verdadeira, o que interfere na resposta. Para que a estrutura do item fosse totalmente comparável com aquela verificada nos demais itens deveria se apresentar, por exemplo, com a seguinte forma: “Quando narradores esportivos têm a tendência de favorecer os rivais do meu time, sempre fico irritado”.

De todo modo, a média de respostas para tais itens e o fato deles terem sido reconhecidos como componentes de um fator sugere que a satisfação com as derrotas do time adversário e com eventuais críticas a ele dirigidas é elemento importante na composição da condição de torcedor de futebol, afirmação que será retomada na discussão.

No fator identificado como DII (Dimensão de Interação Indireta), de forma similar ao ocorreu em DMCon, foi verificado alto valor médio das respostas (3,81), o que mostra a predominância de respostas indicativas de que os respondentes admitiam que as reações e situações retratadas nos itens os caracterizava totalmente. Como é possível verificar na Tabela 1, o valor Alfa de Cronbach desse fator foi 0,79, indicando bom nível de correlação entre os sete itens que o compõem.

Os dois itens com maior carga fatorial são referentes à forte impressão causada pelo que ocorre nos estádios. Esses itens são: 33 - Ir ao estádio em um jogo do meu time me deixou impressionado (carga fatorial de 0,60); 32 - A festa feita pela torcida do meu time nos estádios me atrai como torcedor (carga fatorial de 0,59). Deve ficar claro que muitas pessoas vão ao estádio acompanhadas de amigos ou parentes, com os quais interação direta, pessoal, mas a forma de interação de maior relevo no estádio é do tipo indireto, é aquela que pode ser exemplificada pelo contato com o público presente, com as torcidas, e mesmo com os jogadores, juízes e técnicos.

Outros quatro itens comportaram-se de forma assemelhada, com carga fatorial variando entre 0,44 e 0,49. Um deles reforça a referência à torcida (35 - Minha identificação como torcedor veio da paixão demonstrada pela torcida ao meu time). Os outros três não envolvem qualquer tipo de interação direta e dizem respeito a características menos comuns, talvez próximas de torcedores mais bem informados sobre aspectos da história de seu time, o que pode ser uma das características do tipo de torcedor que se interessou em conhecer o instrumento de pesquisa e sentiu-se motivado a respondê-lo, como já foi ressaltado em ponto anterior. Esses três itens são: 52 - Gosto de assistir jogos antigos do meu time pela televisão; 34 - Meu maior ídolo como jogador de futebol tem grande identificação com o meu time; 59 - Os vídeos na internet com jogos antigos despertam a atenção para meu time.

O sétimo item integrante do fator/dimensão DII foi: 6 - Gostaria que o meu filho torcesse pelo mesmo time que o meu (carga fatorial - 0,42), com carga fatorial próxima do critério de exclusão. A compreensão da presença de tal item em uma dimensão de interação indireta exige considerar que trata-se

de item prospectivo, pois como muitos respondentes são jovens é alta a chance de que não tenham filhos. Dessa forma o item é, para muitos, hipotético, o que justifica sua presença fora do fator/dimensão de interação direta, que será abordado a seguir.

Em relação ao fator identificado como Dimensão de Interação Direta (DID), trata-se do fator composto por maior número de itens (12), com alta correlação das respostas aos itens relacionados (Alfa de Cronbach = 0,89). O valor médio das respostas foi de 2,45, indicando menor admissão de que as reações e situações retratadas refletiam aspectos que os respondentes consideravam que os retratavam bem.

Os cinco itens componentes da DID com maior carga fatorial referem-se a aspectos da interação no âmbito da família. São eles: 3 - Considero importante todos da família torcerem pelo mesmo time; 9 - Quando um novo membro entra na família, considero importante que ele torça pelo mesmo time que o meu; 13 - Fico irritado com membros da família que torcem por times rivais; 10 - As conversas entre meus familiares em que mais me sinto à vontade são sobre meu time de futebol; 18 - Não é interessante quando existem na mesma família torcedores de times rivais. Os itens restantes relativos à interação social direta, que são sete, referem-se a situações que envolvem pessoas que não são da família (amigos, vizinhos) em quatro casos, e nos demais três casos situações que voltam a incluir familiares. Tais dados podem ser tomados como indicação de que as relações familiares e de amizade, embora constituam contexto no qual os respondentes reconhecem que manifestações de torcedor têm espaço, não constitui contexto propício à radicalização de manifestações de torcedor. É mais provável que em tais casos

as manifestações de torcedor cumpram papel de pretextos facilitadores das interações.

A verificação da correlação entre as dimensões mostra que o único caso constatado de correlação forte ($r = 0,58$) envolve as duas dimensões precedentes (Interação Indireta e Interação Direta). Também foi constatada correlação moderada entre essas mesmas duas dimensões e a Dimensão Mídia Contra Time (respectivamente, $r = 0,48$ e $r = 0,45$). Nos demais casos, foram sempre constatados fracos níveis de correlação.

Para encerrar a apresentação dos resultados resta mencionar o fator nomeado como Dimensão Mídia Pró-Time (DMPro). Oito itens foram identificados como componentes do fator DMPro. Trata-se do fator para o qual foi apurado o menor valor de Alfa de Cronbach (0,71), ainda que tratando-se de valor que indica nível de correlação inteiramente aceitável entre os itens que o integram. Trata-se da dimensão na qual os respondentes manifestaram de forma consistente a convicção de que sentiam-se pouco caracterizados nas situações retratadas nos itens, como indica o menor valor médio de respostas entre todos os fatores: 1,81. Predominaram, portanto, respostas que escolheram o lado esquerdo da escala (com o polo “Não me caracteriza”) para os itens referentes à DMPro.

Entre os oito itens, seis (inclusive os dois de maior carga fatorial), referem-se diretamente à possibilidade de que fatos ligados à imprensa esportiva tenham ajudado na escolha do time pelo qual o respondente torce. São exemplos de itens com tal característica: 48 - Meu time possui muito espaço de divulgação nos jornais, o que me ajudou na minha escolha de torcedor; 54 - Como os noticiários esportivos na televisão são na grande

maioria do meu time, minha escolha não poderia ser outra; 56 - A cobertura da imprensa esportiva dos assuntos envolvendo meu time potencializou minha identificação. Os demais itens, com uma única exceção, também se referem à escolha do time para o qual torcem.

A média relativamente baixa do valor das respostas sugere que a elaboração dos itens não foi adequada para captar aspectos que os respondentes admitissem como influências para a escolha do time pelo qual torcem. Vários itens iniciam-se com afirmações cuja veracidade é discutível, o que pode ter forçado respostas no sentido de que o item não caracteriza o respondente pelo não reconhecimento da premissa. São exemplos desses trechos das afirmações que compunham os itens: “Meu time possui muito espaço de divulgação nos jornais”; “Como os noticiários esportivos na televisão são na grande maioria do meu time”; “O fato de o meu time ganhar sempre do maior rival”.

6. Discussão

Mesmo com utilização de instrumento de coleta de dados disponibilizado por meio da internet, em princípio acessível a torcedores residentes em qualquer região do país, 93,2% dos respondentes estão baseados na região sudeste. Tal quadro é compreensível em função dos sítios nos quais o instrumento de coleta de dados foi disponibilizado, vinculados de forma preferencial com torcedores dos dois principais times de Minas Gerais, mas também do fato dos clubes com as maiores torcidas estarem sediados na região, o que também ocorre com os maiores órgãos de imprensa escrita e com as emissoras de TV (que, por sua vez, dominam o noticiário via internet),

com o que a maior divulgação quase sempre envolve acontecimentos relacionados aos times do sudeste. Diversos resultados de pesquisas sobre times pelos quais as pessoas torcem, realizadas a partir de 2010 por diferentes instituições, tais como Datafolha, Paraná Pesquisas, Pluri Pesquisas, Stochos Sports & Entertainment e Lance-Ibope, indicam que dos mais de 70% dos entrevistados, de todas as regiões do país, torcem por algum time, sendo que no mínimo 47,5% dos participantes das pesquisas torcem por um de cinco times principais, três deles de São Paulo e dois do Rio de Janeiro (informações sobre os resultados de tais levantamentos podem ser conhecidas no endereço eletrônico

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_das_maiores_torcidas_de_futebol_do_Brasil).

Wachelke, Andrade, Tavares e Neves (2008) destacaram que uma limitação importante de estudos com coleta de dados online é a restrição da amostra a um público de torcedores de uma única região do país e, no caso, com grande prevalência de torcedores da mesma cidade (Belo Horizonte – 45%). Como o trabalho que está sendo relatado no presente texto constituiu um estudo exploratório, e considerando a inexistência de outra escala comparável à ECCTF, registra-se a necessidade da realização de estudos com outras populações.

O presente estudo propiciou a disponibilização de um instrumento psicométrico validado, apto a ser utilizado para mensurar aspectos da condição de torcedor de futebol: a Escala de Composição da Condição de Torcedor de Futebol (ECCTF). A análise fatorial confirmou a solução com quatro fatores como a mais adequada. O índice de precisão dos quatro fatores foi de 0,72,

atestando a confiabilidade estatística e a consistência interna da medida na versão com 33 itens.

Examinar diferenças entre homens e mulheres em relação a um tema historicamente muito mais presente no universo masculino é sempre uma forma de buscar dados que auxiliam a confirmar a adequação de algumas proposições que os dados gerais indicam. Com relação às diferenças entre torcedores de ambos os sexos é possível afirmar que homens se revelaram mais influenciados do que as mulheres por aspectos afetivos associados a mecanismos de comunhão com a torcida do time que envolvem interação indireta ou mediada com os torcedores do time, sem contato pessoal cotidiano (como o que ocorre com familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho), podendo ser citados como exemplos a situação de estar no estádio, observando ou compondo torcida, de assistir manifestações da torcida pela TV; de consumir informações históricas sobre o time compartilhadas por algum meio; de constatar que ídolos do esporte ou de outras áreas também são torcedores de seu time, entre outras situações com características similares. Torcedores homens também se mostraram mais reativos que as torcedoras frente à informações pró-time e contra o time rival pró-time divulgadas pelos meios de comunicação, o que indica que eles são consumidores mais contumazes de publicações esportivas que privilegiem o futebol e de programas radiofônicos ou televisivos sobre futebol.

Não foram identificadas diferenças significativas entre homens e mulheres quanto à influência das interações sociais diretas, como a que envolve família e amigos, na composição da condição de torcedor de futebol. A ausência de diferenciação entre homens e mulheres em tal contexto é coerente

com o que se conhece a partir da tradição e de observação não sistemática, no sentido de que a torcida feminina, em termos gerais (é claro que existem exceções) caracteriza-se como um fenômeno cuja manifestação está mais vinculada ao universo das interações familiares e de amizade. Não há razão concreta, considerando a realidade brasileira, para não concordar com a afirmação de que a proporção de mulheres que lêem material da imprensa esportiva, que têm como ídolos atletas que pertenceram ao clube, ou que prezam manifestações de torcidas em estádios parece menor que a de homens. Assim, em relação aos fatores Dimensão de Interação Indireta, Dimensão Mídia Pró-Time e Dimensão Mídia Contra Time, diferenças significativas foram constatadas, como esperado.

Como já foi registrado, os resultados evidenciaram alto nível de reconhecimento dos respondentes de que se sentem caracterizados em relação a afirmações que mencionam satisfação com as repercussões da derrota do time rival na imprensa esportiva (especialmente na TV). Isso indica que a desvalorização do time adversário é componente importante da condição de torcedor. É interessante lembrar aqui, pela associação que é possível estabelecer, o já citado trabalho de Lima, Machado, Bagni, Beretta, e Barbosa (2012), no qual se constatou que mesmo os jogadores (no caso, de futebol de salão) mencionam como fator motivador para a vitória a ocasião de jogar diante de torcida hostil, pela satisfação de presenciar a frustração dessa torcida adversária. Acrescenta-se que não é incomum, na tradição do futebol brasileiro, que torcedores de um time cheguem ao ponto de participar de torcidas de outros times que não o seu, quando estão disputando jogos decisivos com determinado time que é visto como rival principal por tais

torcedores. A torcida, portanto, quando não mais pode ser para que seu time ganhe, transforma-se em torcida para que o time rival não ganhe, mesmo que se trate de torneio internacional no qual o time rival é o único representante brasileiro.

Os dados que mostram a satisfação com a depreciação do time adversário remetem a um aspecto da interação direta com o conjunto de familiares, amigos e conhecidos que são torcedores do time rival: as diferentes formas de brincadeiras, deboches e zombarias que o indivíduo deve suportar quando seu time perde. Trata-se de algo condizente com a tradição cultural brasileira, em que o torcedor do time perdedor muitas vezes fica contrariado por ter que ir à escola ou ao trabalho no dia que se segue ao jogo sabendo que será alvo de muitas das “humilhações” acima mencionadas. Atualmente essas zombarias ganharam uma nova dimensão com a utilização das redes sociais.

O valor afetivo diferenciado do deboche com os torcedores rivais pode ser visto como parte importante do “ganho” ou “benefício” do torcedor. É sentir-se por algum tempo na condição de vitorioso, de ganhador, condição que é possível potencializar e prolongar com a comemoração de ocupar espaços (mesmo no dia seguinte, na rua, na escola, no trabalho), de preferência vestindo a camisa do time, para provocar os torcedores do time perdedor. Essa parece ser uma relevante modalidade de lucro ou ganho instrumental que o torcedor auferir com a vitória de seu time. Não é da tradição brasileira um tipo de ganho mais comum em outros contextos: o de ganho financeiro com apostas. No contexto brasileiro é mais comum a aposta de jantares, cervejas, ou a possibilidade de infligir aos adversários as mencionadas “humilhações” (muitas vezes previamente acertadas).

Um aspecto interessante a assinalar, relacionado com a presença maciça do futebol nos meios de comunicação de massa, é o fato da palavra “torcedor”, quase exigir o complemento “telespectador” na atualidade. As condições de mobilidade nas grandes cidades (onde estão sediados os times de maior prestígio), a condição econômica de muitos torcedores, a programação dos jogos atendendo interesses comerciais da TV, a força de atração de jogos dos quais participam os principais jogadores do mundo (inclusive brasileiros) realizados em outros países e transmitidos pela TV, as longas distâncias que separam os jogos no caso do campeonato nacional, são condições, todas elas, que reduzem as chances de muitos torcedores terem envolvimento mais direto com os jogos de seus clubes, preferindo o acompanhamento pela TV em casa ou em um simulacro dos estádios, os grandes bares que sobrevivem da transmissão dos jogos em telões, bares esses que, em alguns casos, são preparados para sempre receber a torcida de determinado time. Com isso, mesmo nas grandes cidades é possível encontrar torcedores que nunca foram a um estádio ou que o fazem muito esporadicamente. Dessa forma, uma nova expressão como “teletorcedor” descreve bem a realidade.

Os resultados evidenciaram que o fator identificado como Dimensão de Interação Indireta (DII) inclui itens relevantes para a compreensão da condição de torcedor. É possível, a partir dos dados, argumentar que a existência de torcida “apaixonada”, que constitui ela própria uma parte importante do espetáculo nos estádios, é aspecto psicossocial quase óbvio que não pode deixar de ser considerado: é preciso haver torcida reconhecida e divulgada para que alguém se identifique ou se localize em tal cenário e se torne

torcedor. O estudo de Wachelke (2008), mencionado em ponto anterior do texto, também constatou como elemento central nas representação social de torcedores, itens como “paixão”, “torcidas”, e mesmo “estádio”, com presença um pouco menor. Como já foi dito, se essa condição de reconhecimento da paixão de uma torcida (e das circunstâncias de desempenho do time, evidentemente) leva o indivíduo a tornar-se, ele próprio, um torcedor que investe muito tempo na condição de torcedor e a ela mostra muita dedicação afetiva, aumenta a chance de que tal torcedor busque ampliar suas informações sobre a história do time, reforçando ainda mais seu vínculo afetivo com este time.

Os dados mostraram que as situações de interação direta que compuseram o fator DID, resultaram em respostas altamente correlacionadas entre si, mas indicando que tais situações, que envolvem manifestações de provocação apoiadas na dicotomia satisfação – irritação diante de familiares e amigos, não são reconhecidas com muito peso pelos respondentes como as mais típicas de suas manifestações de torcedor. Foi sugerido quando da apresentação dos resultados que as interações em tal âmbito (tanto comemorativas como zombeteiras) cumpram papel de pretextos facilitadores das interações a partir de algo como uma hostilidade de brincadeira. É preciso acrescentar que, em tais casos, é muito provável a presença de crianças o que pode contribuir para que as manifestações de superioridade ocasional do torcedor vitorioso não excedam o limite já testado em ocasiões anteriores rotineiras. Vale lembrar, também, que esse é o âmbito no qual diferenças entre respostas de homens e mulheres não foram detectadas, o que indica maior chance de presença de torcedoras contribuindo para a moderação na maior

parte dos casos. É evidente que tais argumentações perdem força em situações específicas de reuniões com parentes ou amigos (por exemplo, quando outros conflitos já estão instalados, ou quando há consumo excessivo de bebida alcoólica).

Destaca-se a evidência, que de certa forma é óbvia, de que interação (tanto a que foi chamada de indireta como a interação cotidiana) é aspecto indispensável à ideia de torcida. A correlação forte entre DII e DID, apontada na apresentação dos resultados, sugere complementaridade, reforçando a visão de que a interação desempenha função essencial para o fenômeno em estudo.

A apresentação dos dados referentes ao fator denominado DMPro revelou que a inclusão de itens relacionados ao tema do porquê de ter escolhido esse ou aquele time, não foi eficiente, provavelmente em decorrência da forma como os itens componentes de tal fator foram elaborados. É provável que seja mais apropriado pensar em um instrumento exclusivamente destinado à identificação de ocorrências que torcedores admitam ter representado influência para que viessem a torcer por determinado time, incluindo eventuais mudanças do time pelo qual torce em decorrência de algum fato especial em suas vidas. Uma das características diferenciadoras de tal instrumento poderia ser uma ancoragem mais nítida em épocas da vida anteriores à vida adulta, de forma a favorecer a recordação de elementos mais bem localizados temporalmente. A metodologia de obtenção de respostas no padrão Likert poderia ser mantida para tal finalidade, mas não deve ser vista como indispensável, havendo alternativas viáveis.

Outro ponto que poderia ser considerado em relação ao desenvolvimento da pesquisa sobre o tema seria a avaliação do interesse de que estudos com torcedores que se baseiam em respostas a instrumentos nos quais os participantes devem declarar acordo ou discordância com determinada afirmação, ou expressar que apreciam algo ou que se reconhecem diante de determinadas afirmações, se preocupem, de forma complementar e tanto quanto possível, em associar a esse tipo de dados informações sobre práticas que o respondente adota como torcedor e em que condições e com que frequência o faz. Também se poderia pensar em estudos com utilização associada de outras escalas que se propõem à classificação de torcedores, tais como a Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT) e a Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF), ambas desenvolvidas por Wachelke, Andrade, Tavares e Neves (2008). Poderia ser interessante, também, aperfeiçoar a identificação da condição econômica dos torcedores participantes de estudos, considerando os resultados descritos Freitas (2005), apresentados em ponto anterior do texto, sobre diferenças que o impacto do futebol pode ter em casos distintos.

Chama atenção o aspecto de que os dois fatores constituídos por elementos que os respondentes consideraram os que mais os caracterizam, ou seja, aqueles com valor médio de respostas mais altos, tenham sido os que integram os fatores Dimensão Mídia Contra Time (DMCon) e Dimensão de Interação Indireta (DII). Os itens constitutivos de tais fatores fazem referência, quase sempre, a aspectos que extrapolam interações do dia-a-dia e têm conotação de comemorações simbólicas de certa modalidade de ardor cívico, ao se referirem a noções como torcidas, festa da torcida, estádios, ídolo,

derrota do rival. Tais comemorações abrangem a dicotomia implicada na valorização do universo simbólico “superior” do qual se é parte e a desvalorização do universo simbólico “inferior” que deve ser impedido de se fortalecer. É evidente que as correspondências com a vida real de cada torcedor também se esgotam sem interferências concretas nas condições em que vivem os torcedores. É como dizer que a condição cotidiana de torcedor dependa muito menos da realidade do dia-a-dia e muito mais de uma configuração “geopolíticofutebolística” culturalmente compartilhada.

A visão de que aspectos de natureza menos simbólica, que se caracterizem por algum tipo de objetividade que é possível perceber de forma mais direta no dia-a-dia, representem influências de menor peso na vida de torcedor do que aspectos afetivos encontra apoio no fato de a grande maioria dos itens selecionados como componentes dos quatro fatores identificados na escala estarem marcados por características afetivas, como já foi destacado por ocasião da apresentação dos resultados. É interessante acrescentar que itens com alguma característica dessa objetividade acima referida não foram selecionados como componentes de qualquer dos fatores. Alguns exemplos de itens de tal natureza ajudam a esclarecer o que se quer mostrar. Um exemplo de afirmação que não foi respondida de forma consistentemente correlacionada com outros itens que vieram a integrar um dos quatro fatores: “Na minha opinião os torcedores rivais do meu time são muito violentos”. Outro exemplo: “Um programa de TV que mostra corrupção no contexto do meu time, me traz aversão a esse time”. Mais um exemplo: “Para evitar brigas resolvi torcer pelo mesmo time dos meus familiares”. Como se pode ver, são itens dos quais não se pode dizer que sejam alheios à realidade da prática de torcer por algum time

de futebol, mas cujo peso não se mostra significativo. Mesmo um item sobre tema estético, como “Acho as cores do uniforme do meu time muito bonitas”, não integraram a composição dos fatores identificados como organizadores das respostas.

Informações desse tipo têm repercussões sobre alguns pontos que interessam ao tema da manifestação de violência no contexto de torcidas. A visão até aqui enfatizada, que destaca a importância da interação e os componentes simbólicos implicados nas manifestações do torcedor, não se ajusta à ocorrência de brigas entre torcedores. Mesmo o clima emocional decorrente da disputa que caracteriza o espetáculo, ou que a antecede, é insuficiente para explicar ou justificar o tipo de ocorrência que se verifica dentro de estádios, mas muitas vezes também em seus arredores. É possível levantar a possibilidade de pensar que esse tipo de manifestação possa ser encarado como algo que, mesmo mostrando-se de forma explícita como manifestação de torcida futebolística, seja mais adequadamente tratado como modalidade de manifestação que responde a outros fatores não diretamente relacionados ao âmbito do futebol.

Quatro categorias de fatores desse tipo, a serem cogitadas, são mencionadas a seguir, como ilustração: 01) rivalidades construídas por motivos paralelos ao futebol, como interesses comerciais de clubes, de escolas de samba associadas, de agentes de jogadores, e de agências de turismo (Assis, 2008; Hryniewicz, 2008); 02) incitação por parte da imprensa, não necessariamente deliberada, com informações e uso de termos que acirram a disputa e a caracterizam como épica, contribuindo para o clima beligerante, ao que se acrescenta a exibição de imagens da selvageria sob crítica

condenatória de suspeita veracidade; 03) conflitos externos ao futebol, associados a aspectos bairristas de disputas de grupos, movidas por variados interesses, alguns claramente situados na esfera da criminalidade, que envolvem grupos pequenos de agressores (Não é raro, por ocasião de confrontos violentos de torcidas, haver detenções de indivíduos com extensa lista de passagens pela polícia, e reincidentes na condição de participante de violência entre torcidas); 04) persistência, em muitos segmentos da população brasileira, de preconceituosa cultura machista, de virilidade, de resolução de interesses conflitantes por meio de agressões físicas (É escasso o registro de mulheres envolvidas em manifestações de violência de torcidas).

Fatores como esses, no caso de haver confirmação de sua presença, permitem que se diga que o fenômeno da agressão física entre torcidas, inclusive com utilização de equipamentos e armas, não é fenômeno que possa ser tomado como algo que está na mesma categoria do comportamento habitual e interativo de torcer.

Os resultados identificados no presente estudo evidenciam que o instrumento utilizado como medida de composição da condição de condição de torcedor tem validade estatística e foi sensível ao captar diferentes aspectos componentes dessa condição. Resulta daí seu potencial de contribuição para a compreensão de um fenômeno sociocultural relevante para o contexto brasileiro. Pode ser destacado ainda o fato de constituir exemplo de ampliação temática de estudos em Psicologia do Esporte.

ANEXO 1: CARTA DE APRESENTAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

Pesquisa sobre Torcedores de Times de Futebol

Prezado Participante,

Esta pesquisa consiste em um estudo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no nível mestrado e sob a orientação do Prof. Dr. Alexandro Luiz de Andrade. Sua participação é de grande importância, por isso agradecemos sua participação como voluntário. O objetivo deste estudo é investigar aspectos relacionados a torcedores de futebol e como algumas atitudes influenciaram na sua escolha de torcer pelo seu time.

Para participar basta você torcer por algum time de futebol, não importando qual seja este time e, em seguida, manifestar sua aceitação como voluntário através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após o seu consentimento você irá visualizar que o formulário possui algumas questões para serem respondidas de acordo com as instruções que seguem. Não existem respostas certas ou erradas. Você deve responder com a maior sinceridade possível e considerando sempre a SUA REALIDADE.

Vale ressaltar que garantimos o sigilo de TODAS as informações que você fornecer. Qualquer dúvida você pode entrar em contato com o email do pesquisador para maiores esclarecimentos. Convidamos então que participe e ajude a divulgar esta pesquisa.

Obrigado,

Daniel Vitor Gomes de Sousa
Mestrando em Psicologia Social - UFES
danielpsi2005@yahoo.com.br

Dr. Alexandro Luiz de Andrade
Doutor em Psicologia - UFES
alexandro.deandrade@yahoo.com.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa tem como objetivo investigar aspectos relacionados a torcedores de futebol e como algumas atitudes influenciaram na sua escolha do meu time. Para participar é necessário que eu torça por algum time de futebol não importando qual seja este time. A pesquisa está sendo realizada sob a orientação do Prof. Dr. Alexandro Luiz de Andrade e está contida em um projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina sob o protocolo 46/2006. Diante das informações expostas, estou ciente dos objetivos deste estudo e consciente da minha participação voluntária. Ao aceitar este termo de consentimento autorizo minha participação nesta pesquisa.

Aceito participar da pesquisa ()

Não aceito participar da pesquisa ()

ANEXO 2: QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO

- 1 - Nome _____
- 2 - Data de Nascimento ____/____/____
- 3 - Idade _____
- 4 - Sexo: Masculino () Feminino ()
- 5 - Profissão _____
- 6 - Cidade em que reside _____
- 7 - Cidade em que nasceu _____
- 8 - Qual o time para o qual você torce?
- | | |
|-------------------|-------------------|
| Flamengo () | Avai () |
| Vasco () | Atlético/PR () |
| Fluminense () | Coritiba () |
| Botafogo () | Guarani () |
| São Paulo () | Criciúma () |
| Palmeiras () | Ponte Preta () |
| Corinthians () | Portuguesa () |
| Santos () | Paraná () |
| Cruzeiro () | Paysandu () |
| Atlético/MG () | Remo () |
| Internacional () | Desportiva/ES () |
| Grêmio () | Rio Branco/ES () |
| Bahia () | Colatina/ES () |
| Vitória () | Ceará () |
| Sport () | Fortaleza () |
| Náutico () | Gama () |
| Santa Cruz () | Brasiliense () |
| Goiás () | Outro: _____ |
| Atlético/GO () | |
| Figueirense () | |
- 9 - Cidade sede do time pelo qual você torce
- Rio de Janeiro ()
- São Paulo ()
- Santos ()
- Belo Horizonte ()
- Porto Alegre ()
- Salvador ()
- Recife ()
- Goiânia ()
- Florianópolis ()
- Curitiba ()
- Campinas ()
- Criciúma ()
- Vitória ()
- Cariacica/ES ()
- Colatina/ES ()
- Fortaleza ()
- Brasília ()
- Outra: _____

ANEXO 3: ESCALA DE COMPOSIÇÃO DA CONDIÇÃO DE TORCEDOR DE FUTEBOL (ECCTF)

Leia, atentamente, cada um dos itens que seguem abaixo. Cada um apresenta uma situação, atitude ou opinião sobre a sua escolha de torcer pelo seu time de futebol e um comportamento ou sentimento diante da mesma. Assinale a opção que melhor indica a sua concordância com o comportamento/sentimento de cada item.

1. Quando criança, gostava de acompanhar os jogos do meu time com meus familiares.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
2. Quando criança, ficava feliz quando meus familiares riem do meu time rival.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
3. Considero importante que todos da família torçam pelo mesmo time.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
4. Quando criança, ficava triste ao ver o time de meus familiares perdendo um jogo.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
5. Fui influenciado por familiares a escolher meu time de futebol.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
6. Gostaria que o meu filho torcesse pelo mesmo time que eu.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
7. Escolhi torcer pelo meu time para não deixar que um membro da família torcesse sozinho.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
8. O que mais gosto nas reuniões familiares é a grande identificação que temos como torcedores de futebol.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
9. Quando um novo membro entra na família, considero importante que ele torça pelo mesmo time que eu.	

1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
10. Nas conversas com meus familiares, as que mais me sinto à vontade, são sobre meu time de futebol.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
11. Para evitar brigas, escolhi torcer pelo mesmo time que meus familiares.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
12. Quando criança, recebia muitos presentes dos meus pais, com identificações do meu time.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
13. Fico irritado com membros da família que torcem por times rivais.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
14. As reações exageradas de familiares com seus times me deixam constrangido (a).
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
15. Quando via um familiar rindo do meu time, ficava muito irritado.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
16. Eu gostava de provocar meus irmãos, quando o time deles perdia um jogo.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
17. Penso que meus familiares escolheram torcer pelo time errado.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
18. Não é interessante quando existem, na mesma família, torcedores de times rivais.

1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
19. Meus familiares torcem por times que nunca ganharam nenhum título.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
20. Não tenho constrangimento em ficar feliz quando o time de um familiar sofre uma derrota.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
21. Quando tinha oportunidade de escolher um time para uma brincadeira, escolhia o time da maioria dos meus amigos.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
22. Tinha medo de ser excluído na escola, pela escolha do meu time.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
23. Meus amigos escolhem torcer pelo time certo, se esse time é o mesmo que o meu.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
30. Considero que os outros times não possuem a tradição que o meu possui.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
31. Considero que meu time possui mais títulos que o seu rival.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
32. A festa feita pela torcida do meu time, nos estádios, me atrai como torcedor.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
33. Ir ao estádio em um jogo do meu time me deixa impressionado.
1 2 3 4 5

Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
34. Meu maior ídolo como jogador de futebol tem grande identificação com meu time.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
35. Minha identificação como torcedor veio pela paixão demonstrada pela torcida ao meu time.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
36. Praticar esportes com amigos me incentivou a escolher meu time de futebol.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
37. Se não torcesse por meu time de futebol não teria assunto com meus amigos.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
38. Na escola, tinham poucos colegas que torciam pelo time rival do meu.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
39. Acho muito estranho o comportamento dos torcedores do time rival do meu.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
40. Ficava irritado quando meu vizinho comemorava um gol do seu time.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
41. Gosto de competir com meus amigos sobre a preferência pelo meu time.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
42. Meus amigos se tornam "inimigos" quando o assunto é futebol e o meu time.		
Não me caracteriza	1 2 3 4 5	Caracteriza-me totalmente
43. Quando escolhi torcer pelo meu time, perdi muitas amizades.		

1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
44. Posso parar de torcer pelo meu time caso ele seja o mesmo de uma pessoa com a qual tive uma frustração amorosa.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
45. Na minha opinião, os torcedores rivais do meu time são muito violentos.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
46. Fiquei com bastante raiva de um determinado jogador de um time e por isso não torço para esse time.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
47. Nunca precisei ter amigos que torcessem pelo mesmo time que torço.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
48. Meu time possui muito espaço de divulgação na mídia, isso ajudou/influenciou minha escolha como torcedor
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
49. Considero a camisa do meu time muito bonita.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
50. Quando criança, a televisão transmitia as principais vitórias do meu time.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
51. Acho as cores do uniforme do meu time muito bonitas.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
52. Gosto de assistir jogos antigos do meu time pela televisão.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente

53. Comecei a me interessar pelo meu time após ver um jogo dele.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
54. Como os noticiários esportivos na televisão são, na grande maioria, sobre o meu time, minha escolha não poderia ser outra.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
55. Acompanhar os jogos de futebol nos bares, pela televisão, me tornou um torcedor verdadeiro do meu time.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
56. A cobertura da imprensa esportiva, dos assuntos envolvendo meu time, potencializou minha identificação com ele.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
57. Sinto orgulho ao ver um jogador de futebol do meu time em uma campanha publicitária.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
58. Minha identificação com meu time é ligada ao fato dele ter um jogador considerado craque pela imprensa.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
59. Os vídeos na internet, com jogos antigos, despertam a atenção para meu time.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
60. Os jogos de vídeo game me influenciaram no interesse pelo meu time.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
61. As redes sociais da internet (orkut, facebook, comunidades temáticas de times de futebol) foram importantes para a escolha do meu time de futebol.	
1 2 3 4 5	
Não me caracteriza	Caracteriza-me totalmente
62. Quando era criança, a televisão transmitiu as principais vitórias do meu time rival.	

1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
63. Fico satisfeito quando os programas de televisão dão destaque às derrotas do time rival.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
64. O fato de os programas de televisão falarem pouco sobre meu time não interferiu na minha escolha como torcedor dele.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
65. Um programa de televisão que mostra corrupção, no contexto de um time, me traz aversão a esse time.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
66. As notícias ruins sobre um time, na internet, afetaram a minha escolha como torcedor.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
67. Fico satisfeito quando os comentaristas esportivos criticam o time rival.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
68. Acredito ser injusto o tempo dedicado, pelas transmissões da televisão, ao time rival do meu.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
69. Os narradores esportivos têm a tendência de favorecer os rivais do meu time, o que sempre me deixa irritado.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
70. Considero uma diversão assistir, pela televisão, o time rival do meu perdendo um jogo.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente
71. Quando assisto ao jogo de um rival pela televisão, quero que ele perca.
1 2 3 4 5
Não me caracteriza Caracteriza-me totalmente

72. Fico satisfeito em assistir, pela televisão, à derrota do rival do meu time.

1 2 3 4 5

Não me caracteriza

Caracteriza-me totalmente

Referências

- American Psychological Association (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association*. 6th ed. Washington: APA.
- American Psychological Association (1999). Disponível em: <http://www.apa.org/helpcenter/sport-psychologists.aspx>
- Andrade, A. e Brant, R. (2008). A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas. *Revista Digita*, 13 (121), 1-9.
- Araújo, E.M.N. (2007). Corpos esculpidos, corpos desenhados: constructos de belo no final do século XX. *In: XXIV Simpósio Nacional de História*.
- Assis, T.C.F. (2008). A representação social da violência em torcidas organizadas de futebol. Dissertação de Mestrado (131 p.). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Católica de Goiás. Goiânia.
- Balbinotti, M.A.A.; Barbosa, M.L.L.; Saldanha, R.P. e Balbinotti, C.A.A. (2011). Estudos fatoriais e de consistência interna da Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE – 18), *Motriz*, 17 (2), 318-327.
- Bartholomeu, D. e Machado, A.A. (2008). Estudos iniciais de uma Escala de Agressividade em Competição. *Interação em Psicologia*, 12 (2), 189-201.
- Benazzi, J.R.S.C. e Borges, C.N. (2009). Emoção, Exposição e Vendas: Análise do Patrocínio Realizado por Marcas de Artigos Esportivos no Futebol Brasileiro. Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, p. 1 – 15. Disponível <http://www.aedb.br/seget/artigos09/147Marketing%20no%20esporte%20final%20com%20autores.pdf>

- Bidutte, L.C.; Azzi, R.G.; Raposo, J.J.B.V. e Almeida, L.S. (2005). Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. *Psico-USF*, 10 (2), 179-184.
- Bonomo, M.; Souza, L.; Trindade, Z.A.; Canal, F.D.; Brasil, J.A.; Livramento, A.M. e Patrocínio, A.P.S. (2011). Mulheres Ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários. *Universitas Psychologica*, 10 (3), 745-758.
- Brandão, M.R. (1995). Psicologia do Esporte. In: A. Ferreira Neto; S.V. Goellner e V. Bracht (Orgs.). *As ciências do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Carvalho, C.A. (2009). Psicologia e Esporte: um olhar fenomenológico para um encontro marcado pela modernidade. *Revista de Abordagem Gestáltica*, 15 (2), 149-156.
- Cassepp-Borges, V.; Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades Psicométricas da Versão Brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. Porto Alegre: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 20 (3), 513 – 522.
- Costa, F. (1994). O futebol na ponta da caneta. *Revista USP*, 22, 84-91.
- Dancey, C.P. e Reidy, J. (2006). *Estatística sem Matemática para Psicologia*. Porto Alegre: Artmed. 3ª Ed. pp. 608.
- Epiphany, E.H. (1999). Psicologia do Esporte: Apropriando a Desapropriação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19 (3), 70-73.
- Falcão, R.S. (2008). Interfaces entre dismorfia muscular e psicologia esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2 (1),
- Falcão, R.S. (2010). O Rugby em um Projeto Social: Relato de uma Experiência. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3 (2), 82-101.

- Freitas, C.M.S.M. (2005). As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5 (3), 329-334.
- Freitas, M.A. (2007). Futebol e Construção da Subjetividade Masculina: Leituras da Psicologia Social. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1 (1).
- Gabarra, L.M.; Rubio, K. e Ângelo, L.F. (2009). A psicologia do esporte na iniciação infantil. *Psicologia para América Latina*, 18.
- Geisler, G. & Leith, L.M. (2007). A Reversal Theory perspective on the motivational states of soccer players in Canada, Germany, and Japan. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1 (1), 01-19.
- Giglio, S.S. (2007). Futebol: Mitos, Ídolos e Heróis. Dissertação de Mestrado (160 p.) Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- Goldenberg, M. (2006). O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos*, 2 (2), 115 – 123.
- Gomes, A.R.; Pereira, A.P. e Pinheiro, A.R. (2008). Liderança, coesão e satisfação em equipes desportivas: um estudo com atletas portugueses de futebol e futsal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (3), 482-491.
- Gonçalves, M.P. e Alchieri, J.C. (2010). Motivação à prática de atividades físicas: um estudo com praticantes não-atletas. *Psico-USF*, 15 (1), 125-134.
- González-Ramallal, M.E. (2008). La identidad contada: la información deportiva em torno a la selección española de fútbol. *Universitas Humanística*, 66, 219-238.
- Hernandez, J.A.E. (2011). João Carvalhaes, um psicólogo campeão do mundo de futebol. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 11 (3), 1027-1049.

- Hernandez, J.A.E. e Voser, R.C. (2012). Validação da Escala de Liderança para o Esporte: Versão Preferência dos Atletas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32 (1), 142-157.
- Hryniewicz, R.R. (2008). Torcida de futebol: adesão, alienação e violência. Dissertação de Mestrado (167 p.). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Izzo, G.M.; Munteanu, C.; Langford, B.E.; Ceobanu, C.; Dumitru, I. & Nichifor, N. (2011). Sport fan's motivation: an investigation of Romania soccer spectators. *Journal of International Business and Cultural Studies*, 24, 1-13.
- Kim, Y.K. & Trail, G. (2010). Constraints and motivators: a new model to explain sport consume behavior. *Journal of Sport Management*, 24, 190-210.
- Lima, R.M. e Linhares, T.C. (2006). Prevalência de uso de suplementos alimentares por praticantes de musculação nas academias de Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil. *Vértices*, 8 (1), 101-122.
- Lima, E.M.R.; Machado, A.A.; Bagni, G.; Beretta, V. e Barbosa, C.G. (2012). A influência da torcida na performance de jogadores brasileiros de futsal: um viés da psicologia do esporte. *Revista Coleção Pesquisa em Educação Física*, 11 (4), 17-24.
- Luccas, A.N. (1999). Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. Dissertação de Mestrado (219 p.). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. PUC. São Paulo.
- Mahl, A.C. e Raposo, J.V. (2007). Perfil psicológico de prestação de jogadores profissionais de futebol do Brasil. *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*, 7 (1), 80-91.

- Manfredini, V. e Argimon, I.I.L. (2010). O uso de testes psicológicos: a importância da formação profissional. *Grifos*, 28, 133-146.
- Marques, J.C. (2012). O futebol em Nelson Rodrigues: O óbvio ululante, o Sobrenatural Almeida e outros temas. São Paulo: EDUC. 2ª Ed. pp. 194.
- Moraes, D.S.C. e Knijnik, J.D. (2009). Estudo qualitativo sobre a opinião de atletas juvenis de tênis de campo sobre a sua preparação psicológica para a competição. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (2), 97-113.
- Moraes, G.H.S.M. e Moraes, O.M.S.M. (2012). Futebol e violência: Freud explica? *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12 (1), 145-157.
- Mullin, B.J.; Hardy, S. e Sutton, W. (2004). Marketing Esportivo. Porto Alegre: Editora Artmed. pp. 335.
- Noce, F.; Simim, M.A.M. e Mello, M.T. (2009). A percepção da qualidade de vida de pessoas portadoras de deficiência pode ser influenciada pela prática de atividade física? *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 15 (3), 174-178.
- Noronha, A.P.P. e Vendramini, C.M.M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 177-182.
- Pawlowski, J.; Trentini, C.M. e Bandeira, C.R. (2010). Discutindo procedimentos psicométricos a partir da análise de um instrumento de avaliação neuropsicológica breve. *Psico-USF*, 12 (2), 211-219.
- Pimenta, C.A.M. (2000). Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em Perspectiva*, 14 (2), 122-128.
- Raalte, J.L.V. e Brewer, B.W. (2011). *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Santos.
- Rodrigues, F.X.F. (2002). Futebol e Teoria Social: Introdução a uma Sociologia do Futebol Brasileiro. Anais do Congresso da Associação Brasileira de

Antropologia.

Disponível

em

<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/biblioteca/recurso/805>

- Rodrigues, F.X.F. (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, 6 (11), 260-299.
- Rohlf, I.C.P.M.; Carvalho, T.; Rotta, T.M. e Krebs, R.J. (2004). Aplicação de instrumentos de avaliação de estado de humor na detecção da síndrome de excesso de treinamento. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 10 (2), 111-116.
- Rohlf, I.C.P.M.; Rotta, T.M.; Luft, C.B.; Andrade, A.; Krebs, R.J. e Carvalho, T. (2008). A Escala de Humor de Brunel (BRUMS): instrumento para detecção precoce da síndrome de excesso de treinamento. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 14 (3), 176-181.
- Román, S. e Savoia, M.G. (2003). Pensamento automático e ansiedade num grupo de jogadores de futebol de campo. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5 (2), 13-22.
- Rubio, K. (1999). A Psicologia do Esporte: Histórico e Áreas de Atuação e Pesquisa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 19 (3), 60-69.
- Rubio, K. (2007). Da Psicologia do Esporte que temos à Psicologia do Esporte que queremos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1 (1), 1-13.
- Rubio, K. (2007). Ética e Compromisso Social na Psicologia do Esporte. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27 (2), 304-315.
- Rubio, K. (2000). *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2003). *Psicologia do Esporte: Teoria e Prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Silva, E.M.; Rabelo, I. e Rubio, K. (2010). A dor entre atletas de alto rendimento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3 (4), 79-97.
- Silva, F.S. (2007). Projetos sociais em discussão na psicologia do esporte. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1 (1).
- Silva, F.S.; Oliveira, F.H.S.; Piccione, M.A. e Lemos, R.F. (2008). Futebol libertário: compromisso social na medida. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28 (4), 832-845.
- Silva, L.S.M.F. e Moreau, R.L.M. (2003). Uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, 39 (3), 327-333.
- Silva, S. (2011). Identidade no Futebol: O Papel do Jornalismo Esportivo Paranaense na Formação de uma Identidade Futebolística Regional. Monografia. (167 p.). Universidade Positivo. Curitiba.
- Sousa, P.M.; Rosado, A.B. e Cabrita, T.M. (2008). Análise de atribuições causais do sucesso e do insucesso na competição, em função do nível competitivo dos futebolistas portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 203–211.
- Souza, E.A.P. (2010). Antropologia na Multidão: um novo olhar sobre as torcidas organizadas dos clubes de futebol do Recife. Anais do Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade SENAC, p. 1-5. Disponível em: http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/IV/anais/comunicacao/011_2010_ap_oral.pdf
- Vasconcellos, D.I.C. (2011). Avaliação da motivação para a prática esportiva em adolescentes e jovens adultos brasileiros: Validação do Questionário de Regulação do Comportamento no Esporte (QRCE). Dissertação de Mestrado

- (146 p.). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Vieira, L.F.; Nascimento, J.R.A. e Vieira, J.L.L. (2013). O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. *Revista de Psicologia del Deporte*, 22 (2), 501-507.
- Vieira, L.F.; Vissoci, J.R.N.; Oliveira, L.P. e Vieira, J.L.L. (2010). Psicologia do Esporte: uma área emergente da Psicologia. *Psicologia em Estudo*, 15 (2), 391-399.
- Vieira, R.A.G. e Siqueira, G.R. (2008). Violência entre torcidas nos estádios de futebol: uma questão de saúde pública. *Saúde e Sociedade*, 17 (3), 54-62.
- Wachelke, J.F.R.; Andrade, A.L. (2009). Influência do Recrutamento de Participantes em Sítios Temáticos e Comunidades Virtuais nos Resultados de Medidas Psicológicas Aplicadas pela Internet. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 25 (3), 357-367.
- Wachelke, J.F.R.; Andrade, A.L.; Tavares, L. e Neves, J.R.L.L. (2008). Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 60 (1), 96-111.
- Wachelke, J.F.R. (2008). Brazilian fans' social representations on soccer. *International Journal of Sport Science*, 13 (4), 1-19.
- Wann, D.L.; Schrader, M.P. & Wilson, A.M. (1999). Sport fan motivation: questionnaire validation, comparisons by sport and relationship to athletic motivation. *Journal of Sport Behavior*, 22 (1), 1-15.
- Weinberg, R.S. e Gould, D. (2011). Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício. São Paulo: Santos.

